

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVAÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR - PPIFOR**

**CONTRIBUIÇÕES DE RAMON LLULL (1232-1316) PARA A
FORMAÇÃO HUMANA: UMA ANÁLISE DA OBRA *DOCTRINA
PUERIL***

MARIA LUIZA DA LUZ MUNHOZ

**PARANAVAÍ
2023**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVÁÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR – PPIFOR**

**CONTRIBUIÇÕES DE RAMON LLULL (1232-1316) PARA A
FORMAÇÃO HUMANA: UMA ANÁLISE DA OBRA *DOCTRINA
PUERIL***

MARIA LUIZA DA LUZ MUNHOZ

**PARANAVÁÍ
2023**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR - PPIFOR**

**CONTRIBUIÇÕES DE RAMON LLULL (1232-1316) PARA A
FORMAÇÃO HUMANA: UMA ANÁLISE DA OBRA *DOCTRINA
PUERIL***

Dissertação apresentada por Maria Luiza da Luz Munhoz, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranaíba, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ensino. Área de Concentração: Formação docente interdisciplinar.

Orientadora: Profa. Dra. Conceição Solange Bution Perin

**PARANAÍ
2023**

FICHA CATALOGRÁFICA:

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Munhoz, Maria Luiza da Luz

CONTRIBUIÇÕES DE RAMON LLULL (1232-1316) PARA A
FORMAÇÃO HUMANA: UMA ANÁLISE DA OBRA DOCTRINA
PUERIL / Maria Luiza da Luz Munhoz. -- Paranavaí-
PR, 2023.

73 f.: il.

Orientador: Conceição Solange Bution Perin.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado Acadêmico em Ensino: "Formação Docente
Interdisciplinar") -- Universidade Estadual do
Paraná, 2023.

1. Ramon Llull. 2. Educação. 3. Formação humana. I
- Perin, Conceição Solange Bution (orient). II -
Título.

MARIA LUIZA DA LUZ MUNHOZ

**CONTRIBUIÇÕES DE RAMON LLULL (1232-1316) PARA A FORMAÇÃO
HUMANA: UMA ANÁLISE DA OBRA *DOCTRINA PUERIL***

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Conceição Solange Bution Perin (Orientadora)–
UNESPAR, Paranavaí

Profa. Dra. Cássia Regina Dias Pereira- UNESPAR,
Paranavaí

Profa. Dra. Fabiane Freire França – UNESPAR, Campo
Mourão

Profa. Dra. Neide de Almeida Lança Galvão Favaro-
UNESPAR, Paranavaí

Data de Aprovação:

18/09/2023.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que me apoiaram e incentivaram a minha jornada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por me acompanhar em minha trajetória acadêmica, sendo fonte de sabedoria e de força.

À minha família, em especial minha mãe Rosane Munhoz e ao meu pai Carlos Roberto Munhoz, por fazerem tudo que estava ao seu alcance para eu chegar até aqui. Agradeço também aos meus irmãos Anna Carolina, Carlos Eduardo e Maria Fernanda.

Aos meus amigos, que ajudaram indiretamente ou diretamente para a elaboração deste trabalho.

À minha orientadora Conceição Solange Bution Perin, que me acompanha desde a graduação, sempre me motivando e mostrando que o conhecimento muda a nossa percepção perante o mundo. Grata pela orientação, pelos conselhos, ensinamentos e, acima de tudo, por se preocupar e acreditar em mim.

Agradeço às professoras Cássia, Fabiane e Neide por terem aceitado o convite para compor a banca examinadora e contribuir para o aperfeiçoamento da pesquisa.

Agradeço também a Turma 2021 e aos professores do programa por todo conhecimento compartilhado durante as aulas.

Deixo aqui também, minha gratidão à coordenadora Marcia Regina Royer e Shalimar Zanatta pelos conselhos e ensinamentos. Agradeço também aos secretários do PPIFOR por toda paciência.

O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca vencer obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.

José de Alencar

MUNHOZ, Maria Luiza da Luz. **Contribuições de Ramon Llull para a formação humana:** uma análise da obra *Doctrina Pueril*. 73 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí. Orientadora: Conceição Solange Bution Perin. Paranavaí, 2023.

RESUMO

Esta pesquisa analisa a proposta de educação para a sociedade do século XIII por meio da obra *Doctrina Pueril* do filósofo catalão Ramon Llull (1232-1316). O trabalho de caráter bibliográfico foi desenvolvido a partir de uma abordagem histórica, fundamentada na História Social e no conceito de longa duração. Compreendendo o vínculo existente entre o presente com o passado, é possível refletir sobre questões que perpassam períodos históricos e explicam o homem na sua totalidade. Entendemos que não podemos desvincular o passado da nossa existência, pois, algumas questões, apesar de atenderem exigências diferentes, permanecem como prioridade da formação humana, como exemplo, a necessidade do 'pensar e do agir' social. Partindo desse pressuposto teórico-metodológico, baseamos a investigação na obra *Doctrina Pueril* e alguns estudiosos da Idade Média, como: Marc Bloch (1866-1944), Jacques Le Goff (1924-2014) e outros. Na obra supracitada, Llull descreve instruções acerca da educação da criança que considerava essenciais para a formação humana. Para tanto, o autor aborda sobre as questões religiosas, biológicas e intelectuais, pois para ele o homem se desenvolvia mediante modelos e ensinamentos que eram internalizados. Dessa maneira, o autor se propõe a realizar uma observação sobre aspectos religiosos e biológicos necessários para o desenvolvimento do intelecto, visando que a junção desses três princípios geraria a reflexão sobre as virtudes e valores que resultam no bem comum.

Palavras-chave: Ramon Llull. Educação. Formação humana.

MUNHOZ, Maria Luiza da Luz. **Ramon Llull contributions to human formation: an analysis of the work Doctrina Pueril**. 73 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí. Orientadora: Conceição Solange Bution Perin. Paranavaí, 2023.

ABSTRACT

This research analyzes the education proposal for 13th century society through the work Doctrina Pueril by the Catalan philosopher Ramon Llull (1232-1316). The bibliographical work was developed from a historical approach, based on Social History and the concept of long duration. Understanding the link between the present and the past, it is possible to reflect on issues that span historical periods and explain man as a whole. We understand that we cannot disconnect the past from our existence, as some issues, despite meeting different demands, remain a priority for human formation, for example, the need for social 'thinking and acting'. Based on this theoretical-methodological assumption, we based the investigation on the work Doctrina Pueril and some scholars of the Middle Ages, such as: Marc Bloch (1866-1944), Jacques Le Goff (1924-2014) and others. In the aforementioned work, Llull describes instructions on child education that he considered essential for human development. To this end, the author addresses religious, biological and intellectual issues, as for him man developed through models and teachings that were internalized. In this way, the author proposes to make an observation on religious and biological aspects necessary for the development of the intellect, aiming that the combination of these three principles would generate reflection on the virtues and values that result in the common good.

Key words: Ramon Llull. Education. Human formation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Representação de Ramon Llull	31
Figura 2- Representação da Península Ibérica	33
Figura 3- Representação das viagens de Llull.....	36
Figura 4- Representação do método da arte Luliana	40
Figura 5- Representação do método da arte luliana.....	41
Figura 6- Capa da obra	44
Figura 7- Representação de corpo e alma para Llull.....	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Pesquisas encontradas na Capes, no período de 2012 a 2022	17
Tabela 2- O projeto utópico de reforma social luliana.....	39
Tabela 3- Virtudes e vícios.....	62

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. ANÁLISE HISTÓRICA, BIOGRÁFICA E LITERÁRIA DE RAMON LLULL	20
2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DO SÉCULO XIII	21
2.2 EDUCAÇÃO DO SÉCULO XIII	26
2.3 BIOGRAFIA DE RAMON LLULL	31
2.4 A REPRESENTAÇÃO DE DEUS NA LITERATURA LULIANA.....	38
3 CONSIDERAÇÕES SOBRE CORPO E ALMA EM RAMON LLULL	45
3.1 DO CORPO HUMANO, DA VIDA E DA MORTE.....	47
3.2 A MORTE E A RELAÇÃO DO CORPO E DA ALMA PARA LLULL	48
3.3 O ENTENDIMENTO DE ALMA EM RAMON LLULL.....	52
4 A EDUCAÇÃO LULIANA E O USO DO INTELLECTO PARA A FORMAÇÃO HUMANA	57
4.1 A IMPORTÂNCIA DO CORPO E DA ALMA PARA O DESENVOLVIMENTO DO INTELLECTO	58
4.2 DAS SETES VIRTUDES PARA A SALVAÇÃO	61
4.2.1 Fé	63
4.2.2 Esperança	64
4.2.3 Caridade.....	65
4.2.4 Justiça.....	66
4.2.5 Prudência	67
4.2.6 Fortaleza	67
4.2.7 Temperança.....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	72

1. INTRODUÇÃO

Tendo como base que o homem¹ é o fio condutor da história, como retrata Marc Bloch² (2002) em sua obra *Apologia da história ou o ofício do historiador*, podemos refletir que existem questões que perpassam todos os momentos históricos, atendendo as necessidades do período, como exemplo: o ‘pensar e o agir’ socialmente, que por sua vez ocorre por meio do ensino e da educação.

Partindo desse pressuposto, a pesquisa realiza uma análise da proposta de educação, tratada por Ramon Llull³ (1232-1316) no século XIII. Nos fundamentamos, na obra intitulada *Doctrina Pueril* escrita pelo filósofo entre os anos 1274 e 1276. O objeto da investigação direciona compreender a importância atribuída por Llull sobre a formação humana a partir do desenvolvimento religioso, biológico e intelectual. Evidenciamos que o filósofo trata de forma individual a explicação de cada um desses princípios, porém, o autor sempre deixa de forma clara que os três elementos são interligados.

Llull escreveu *Doctrina Pueril*, como um diálogo entre ele e o seu filho, com a finalidade da obra ser um “manual de instrução” para os pais educarem seus filhos. No prólogo, o autor ressalta que “No princípio convém que o homem faça seu filho aprender os 14 artigos da Santa fé católica, os 10 mandamentos que Nosso Senhor Deus deu a Moisés no deserto, os 7 sacramentos da Igreja e os outros capítulos seguintes⁴”(LLULL, 1989, p. 04, tradução nossa).

Desse modo, no decorrer da obra, o autor relata que a educação deve ser pautada em sete virtudes: a fé, a esperança, a caridade, a justiça, a prudência, a fortaleza e a temperança, sendo necessárias para a salvação e para a harmonia cristã

¹ Colocamos que toda vez que a expressão *homem* aparecer na dissertação, refere-se a universalização da espécie humana. No entanto, vale destacar a forma que as mulheres eram associadas ao papel doméstico, cuidado dos filhos e produção caseira. O casamento era arranjado e as mulheres eram consideradas propriedade do pai e, depois, do marido. A Igreja Católica influenciava a vida das mulheres, permitindo algumas a se tornarem freiras, mas limitando sua autoridade religiosa. A educação era restrita, com acesso limitado a oportunidades de aprendizado formal. As mulheres tinham poucos direitos legais, e a literatura medieval frequentemente as retratava através de estereótipos (Le Goff, 2009).

² Marc Bloch (1886-1944) foi um historiador francês e um dos principais fundadores da Escola dos Annales.

³ Vale ressaltar que há mais de uma escrita para o nome do filósofo, no entanto, nesta dissertação, optou-se por utilizar Ramon Llull em razão da edição selecionada: "*Obres de Ramon Llull- Volum I*" da editora Miquel Font do ano de 1986.

⁴ En lo comensament cové que hom fassa aprendre a son fill los .xiiij." articles de la fe catholica, e los .x. manaments que Deus doná a Moyses en lo desert, e los .vij. sacraments de Santa Esgleya e los altres capítols conseqüents.

da sociedade. Llull também apresenta que as condições biológicas e intelectuais são fundamentais para a educação da criança. Nesta perspectiva, por meio dos ensinamentos cristãos, do cuidado com o corpo e da internalização das ciências, a formação humana é realizada pela razão vinculada à fé.

Compreendemos que estudar a história é uma forma de ativar a memória e compreender que o presente e o passado têm vínculos que estabelecem as prioridades que vivemos no momento atual. A pretensão não é de fazer comparações de um momento e outro, haja vista que o passado não existe mais, porém, menosprezar o que os homens já viveram e já resolveram é se limitar a compreensão de problemas presentes de forma superficial.

Como já citamos, Marc Bloch nos ensina que passado e presente estão unidos por um fio condutor: o homem. Por exemplo, Llull foi um homem do seu tempo, portanto, ele tentou entender as questões que viveu no século XIII, entretanto, quando ele ou outros autores do passado trata sobre as virtudes, a moral ou o comportamento na sociedade, estão abordando sobre a importância da formação humana, do homem que pode garantir uma sociedade futura.

Saliento que as motivações para o desenvolvimento do objeto de investigação proposto junto ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar (PPIFOR) explicam-se por meio da minha trajetória acadêmica. Durante a graduação em Pedagogia, ouvia muito falar que a "preocupação com a educação da criança surgiu apenas na Modernidade". No entanto, em 2018, ingressei no Grupo de Pesquisa em Educação e Ensino na Medievalidade, Modernidade e Contemporaneidade - GPEMC e no Programa Institucional de Iniciação Científica – PIBIC que me possibilitaram assimilar que em todos os momentos históricos houve uma educação para as crianças, mas sempre atendendo as exigências peculiares de cada período.

Dessa forma, a pesquisa justifica-se com a finalidade de tratar sobre a formação humana como algo que representou a re/organização da sociedade medieval e que representa a re/organização da sociedade atual, tendo como relevância a importância da formação do homem desde cedo. Além do mais, acreditamos que a dissertação poderá ser importante para a academia, como fonte de pesquisas no ensino, na formação de professores e na discussão em grupos de pesquisas.

É válido ressaltar que foi realizada uma pesquisa no portal no catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), sobre trabalhos de Ramon Llull. Desta forma, foram utilizados os descritores: Ramon Llull e Raimundo Lúlio, com um recorte temporal de 2012 a 2022, tendo como critério de inclusão a área educacional.

A revisão bibliográfica localizou 143 resultados, sendo que após a aplicação do critério de inclusão, 5 trabalhos foram averiguados. Percebemos que não há tantos estudos sobre as obras de Llull, demonstrando assim a relevância desta pesquisa para a comunidade científica. A seguir, a tabela demonstrativa sobre os dados gerais dos trabalhos selecionados:

Tabela 1- Pesquisas encontradas no Portal da Capes, no período de 2012 a 2022

Autor e ano	Título	Objetivo
MARRONI, PAULA CAROLINA TEIXEIRA. 2015. Dissertação.	O livro da ordem de cavalaria, de Raimundo Lúlio: uma proposta de educação social pautada no modelo de conduta virtuosa.	Analisar a educação do cavaleiro medieval por meio do Livro da Ordem de Cavalaria (1279 – 1283).
GOMES, FLÁVIA SANTOS. 2017. Dissertação.	Educação e Salvação: a concepção do modelo de cristão perfeito segundo Ramon Llull (século XIII).	Investigar o modelo de homem para o século XIII por meio das obras O Livro das Maravilhas (1288-1289) e O Livro dos Mil Provérbios (1302).
SANTOS, DIOGO RODRIGUES DOS. 2018. Dissertação.	A atuação de Ramon Llull como homem de saber: uma análise comparada da representação do rei leão e da raposa conselheira no Livro das Bestas (1288-89).	Verificar os modelos exemplares que deveriam ser reflexo para o comportamento régio e cortesão do século XIII mediante ao Livro das Bestas (1288-89).
SERGIO, SILVIA CARLA. 2020. Dissertação.	Contribuições da literatura para a formação humana: uma análise da obra Félix - o livro das maravilhas, de Raimundo Lúlio (1232- 1316).	Compreender a educação intelectual e moral descrita na obra Félix - o livro das maravilhas, de Raimundo Lúlio (1232- 1316).
ANJOS, CRISLAYNE FATIMA DOS. 2020. Dissertação.	El Libro de Las Béstias de Ramón Llull: a ilustração do fenômeno político pela animalidade (século XIII).	Averiguar o fenômeno político através do olhar dos bestiários através da obra Félix - o livro das maravilhas, de Raimundo Lúlio (1232- 1316).

Fonte: dados da pesquisa, 2023.

Diante das informações elencadas acima, a pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa, fundamentada na História Social e amparada no conceito de Longa Duração de Fernand Braudel⁵. É necessário ressaltar que, “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 44). Desse modo, o material consultado é decorrente de livros e artigos disponibilizados via impresso ou na internet, pois para o autor Gil: “A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos” (Gil, 2002, p. 44- 45).

No momento que estudamos a História Social, Marc Bloch (2002) profere que o historiador não deve em hipótese alguma julgar os fatos históricos, mas sim compreendê-los. Nesse sentido, quando nos propomos a analisar a educação luliana, devemos entender o homem do século XIII pela sua totalidade, ou em outras palavras, é preciso entender que questões políticas, educacionais, culturais e econômicas, juntas, determinam a organização de uma sociedade.

Nesse sentido, observamos a formação humana na sua totalidade, ou seja, de acordo com Llull, o homem não pode ser formado parcialmente, ele tratou a educação do filho mostrando a importância da religião (alma), do corpo (biológico) e do intelectual. Esses três princípios, segundo ele, estão unidos e são necessários para o homem ter uma formação completa e desenvolver as virtudes como superação dos vícios.

Ressaltando-se a importância de entender o homem pela sua totalidade, nos amparamos também no conceito de Longa Duração. Fernand Braudel (1985) retrata a história como uma longa duração, o estudioso entende a história como uma “estrutura” que se transforma lentamente, necessitando de uma organização. Destarte, algumas estruturas por durarem muito tempo, se tornam elementos históricos. Em outras palavras, há questões que perpassam todos os momentos

⁵ Fernand Braudel (1902-1985) foi um historiador nascido na França, sendo um autor de extrema importância para a Escola dos Annales. Um dos estudos mais marcantes é o desenvolvimento/criação do conceito de longa duração, no qual apresenta em sua tese de doutorado intitulada “La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II”. Para entender melhor no que consiste a Longa duração, recomendamos a leitura da obra Escritos sobre a História, disponível em: <https://pt.scribd.com/document/342903649/BRAUDEL-F-Escritos-sobre-a-Historia-pdf#>

históricos, sendo essencial para o desenvolvimento do homem, como a educação. Todavia, salienta-se que essas questões atendem as exigências de cada período.

Para tanto, a dissertação está organizada em três seções. No primeiro momento, foi feita uma análise histórica, biográfica e literária de Ramon Llull, buscando entender os elementos que influenciaram as suas obras e o porquê ele desenvolveu uma proposta educacional para os homens de sua época. Para atingir esse objetivo, nos respaldamos em estudiosos como Jacques Le Goff (2006), Marc Bloch (2002), Ricardo da Costa (2010), Rui Afonso da Costa Nunes (1979), Hilário Franco Júnior (2001) e entre outros.

Na segunda seção são retratados aspectos sobre o corpo e alma descritos por Llull na obra *Doctrina Pueril*, averiguando os cuidados necessários para o desenvolvimento do homem, que por sua vez, eram transmitidos dos pais para os filhos. Para elaboração desta seção, utilizamos outras obras de Llull, como por exemplo, a *Doctrina Pueril*, o Livro da Lamentação, Félix ou O Livro das Maravilhas, além dos escritos de Aristóteles (2006).

Por fim, na terceira seção realizamos uma discussão sobre a importância do corpo e da alma para o desenvolvimento do intelecto, descrevendo as setes virtudes elencadas pelo autor como necessárias para a educação do homem, tendo como base a *Doctrina Pueril*.

Vale destacar, que para realizar a análise de *Doctrina Pueril*, alguns passos foram seguidos, sendo eles:

- Entendimento da bibliografia de Ramon Llull;
- Análise do contexto histórico e cultural do século XIII;
- Compreensão da língua catalã para a realização da tradução;
- Verificação da organização e da estrutura da obra;
- Leitura e interpretação da obra.

Desta forma, o andamento da dissertação permeou a compreensão das questões fundamentais que explicam a necessidade da educação da criança no período medieval, especificamente em algumas décadas dos séculos XIII-XIV, momento em que Llull visou à importância do ensino para a criança, vinculada aos ensinamentos cristãos.

2. ANÁLISE HISTÓRICA, BIOGRÁFICA E LITERÁRIA DE RAMON LLULL

Nesta seção, tratamos sobre três aspectos fundamentais para entender o pensamento de Ramon Llull na obra *Doctrina Pueril*, sendo a história de vida, o período histórico em que viveu e o embasamento que compõe a sua escrita e a sua arte. Tais questões são essenciais para compreender o porquê Ramon Llull propôs uma educação para a criança do século XIII, uma vez que representaria a sociedade futura.

Ao estudar uma obra clássica é fundamental entender os valores e o discurso que permeavam no período em que ela foi escrita, uma vez que por meio do passado é possível fazer uma análise mais crítica sobre algumas questões presentes na sociedade contemporânea. Deste modo, a princípio trataremos sobre os aspectos que permearam o século XIII e que nos fazem entender a história como uma longa duração. Segundo Le Goff (2003):

[...] ela é inevitável e legítima, na medida em que o passado não deixa de viver e de se tornar presente. Esta longa duração do passado não deve, no entanto, impedir o historiador de se distanciar do passado, uma distância reverente, necessária para que o respeite e evite o anacronismo (Le Goff, 2003, p. 26).

O outro ponto levantado por Marc Bloch no livro *Apologia ou ofício do historiador* no qual aborda o objeto de estudo da história:

[...] o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas, por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça (Bloch, 2002, p. 54).

Por meio das citações acima, verificamos que o passado é necessário para entender o presente, sendo efetuado pelos homens para os homens, porém, o investigador deve ter o 'cuidado' e o respeito com a História. Compreender que o passado, apesar de ter influenciado momentos posteriores, não deve ser julgado ou analisado pela via de compreensão do presente, pois, como afirmou Bloch na

passagem acima “Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição”.

Nesta perspectiva, a seção está organizada em quatro partes: Considerações sobre as transformações do século XIII; Educação medieval: o método escolástico; Biografia de Ramon Llull e A representação de Deus na literatura luliana.

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DO SÉCULO XIII

Não nos cabe aqui discorrer sobre toda a historiografia da Idade Média, principalmente por se tratar de um período complexo, no entanto, é imprescindível ponderar algumas questões anteriores ao período de Llull que desencadearam mudanças e condições que levaram Ramon Llull, no século XIII, a propor uma educação para os homens de sua época.

Nesse contexto, durante a Alta Idade Média, que compreende o período do século V ao X, a Europa Ocidental experimentou profundas mudanças devido ao colapso do Império Romano do Ocidente e à ascensão dos povos germânicos. Isso resultou em epidemias, conflitos e escassez de alimentos, levando a uma significativa diminuição da população, enfraquecimento do comércio e cidades esvaziadas, uma vez que, devido à falta de segurança, as pessoas começaram a migrar para áreas rurais.

Quando a evasão do numerário deixa as pessoas das cidades sem poder de compra, quando as rotas comerciais deixam de irrigar os centros urbanos, os cidadãos são obrigados a se refugiar perto dos lugares de produção. É a necessidade de se alimentar que, antes de mais nada, explica a fuga do rico para suas terras, o êxodo dos pobres para os domínios dos ricos (Le Goff, 2016, p. 27).

Assim, essa migração se deu, sobretudo, pela necessidade de as pessoas se aproximarem dos locais produtores de alimentos, além de buscarem refúgio, o que culminou na feudalização da Europa e enfraquecimento das trocas comerciais (Le Goff, 2016).

O feudalismo consistiu em um modelo econômico e social que se baseava em grandes propriedades de terras (os feudos) que pertenciam aos senhores feudais e na relação de fidelidade entre homens – na qual um suserano concedia uma porção

de terras para um vassalo – cuja mão de obra era servil, a política descentralizada economia rural e sociedade estamental, modelo que perdurou durante a Idade Média (Higa, 2022).

A sociedade estamental, isto é, uma sociedade dividida em camadas bem definidas e com raras chances de mobilidade social uma vez que era atribuída por descendência, eram formados por três principais grupos: os clérigos (clero) compostos por “aqueles que rezam”, ou seja, membros da Igreja Católica; os nobres, compostos por “aqueles que protegem”, ou seja, aqueles que possuíam os feudos (propriedades) ou os que se dedicavam à guerra (cavaleiros); e, por fim, os servos, composto por “aqueles que trabalham”, ou seja, os trabalhadores camponeses presos à terra em que serviam aos senhores feudais (Le Goff, 2006, p. 26).

Com o tempo e com a chegada de novos invasores na Europa, sendo húngaros, muçulmanos e principalmente *vikings*, iniciou-se a construção de castelos e fortalezas no continente. Os *vikings*, provenientes da Escandinávia, de acordo com Franco Júnior (2001, p. 24) “aproveitavam-se da grande navegabilidade dos rios europeus para penetrar profundamente em território cristão” causando estragos e muitas mortes, diretas e indiretas (resultantes da destruição das aldeias e campos).

Foi nesse cenário que alguns incrementos técnicos deram início a um maior desenvolvimento da agricultura, tais como melhores técnicas de arado, plantio e descanso do solo com um conseqüente aumento na produção de alimentos. Assim, a partir do século X, os avanços técnicos da produção agrícola se tornaram um ponto de partida para algumas mudanças nesse cenário, ao garantir um aumento considerável na produção. Esse período foi marcado pela transição entre a Alta Idade Média e a Baixa Idade Média (Le Goff, 2016).

De acordo com Le Goff (2016), essa chamada “Revolução Agrícola” permitiu, como uma de suas primeiras conseqüências, um aumento da população, que provavelmente dobrou entre os séculos X e XV, com a estimativa de que, no ano 600 havia 14,7 milhões de habitantes, o que passou a ser cerca de 22,6 milhões de habitantes por volta do ano 1000, na Europa.

Durante a Baixa Idade Média, que correspondeu ao período iniciado no século XI e encerrado no século XV, dentre as mudanças significativas ocorridas no continente europeu, sobretudo após o século XIII, evidenciam-se o aumento populacional, o renascimento das cidades e do comércio e a forma como a sociedade

européia se organizava, o que acarretou o fim do feudalismo e a centralização do poder real (Le Goff, 2016).

O autor afirma ainda que, pelo incentivo do mundo muçulmano, que precisava para sua enorme clientela urbana das matérias primas do Ocidente bárbaro⁶ (madeiras, espadas, peles, escravos, etc.), os “embriões de cidades” desenvolveram, os chamados “portus”⁷. Contudo, esse fenômeno só atinge amplitude suficiente no século XII, modificando profundamente as estruturas econômicas e sociais do Ocidente e começa a sacudir as estruturas políticas, acrescidas também de uma outra natureza de revolução: a cultural e intelectual.

No que concerne à Revolução Urbana, é válido ressaltar que esta teve relação direta com o desenvolvimento agrícola. Nesse sentido, muitos camponeses, tendo em vista o quadro social de opressão (servidão), fugiram das terras em que trabalhavam, no intuito de se livrarem das obrigações feudais, de modo que as cidades foram os locais que receberam uma grande quantidade deles. Nas cidades os camponeses buscavam diferentes formas de sobrevivência, o que diversificou os ofícios (Silva, 2022).

O crescimento populacional refletiu, portanto, no crescimento urbano, fazendo com que os núcleos da cidade fossem expandidos para além de suas muralhas, criando os burgos (Le Goff, 2016). Ademais, houve também diversificação dos grupos sociais e o centro de poder passou dos bispos para a burguesia (grupo que enriqueceu por meio do comércio e outros ofícios) (Silva, 2022).

Segundo Le Goff (2016), o que também favoreceu uma mentalidade urbana foi o chamado “patriotismo citadino”, isto é, o sentimento de pertencimento pelos habitantes. De acordo com o autor, esse fato teve grande importância uma vez que

⁶ É um termo histórico que era usado pelos romanos para se referir às regiões fora do Império Romano, habitadas por povos que não eram considerados civilizados de acordo com os padrões romanos. Essas regiões eram frequentemente habitadas por tribos germânicas e outros grupos étnicos que tinham diferentes costumes, línguas e sistemas políticos dos romanos. Com o tempo, muitas dessas culturas “bárbaras” desempenharam papéis importantes na história europeia e contribuíram para a formação das sociedades medievais e modernas da Europa Ocidental. Portanto, o termo “ocidente bárbaro” refere-se às áreas fora do domínio romano que não compartilhavam as características da civilização romana e que desempenharam um papel significativo na história europeia posterior (Le Goff, 2016).

⁷ Este termo refere-se aos espaços de transferência ou transporte nos quais produtos eram armazenados e guardados, oferecendo aos comerciantes uma oportunidade de estabelecimento. Tais locais eram, em sua maioria, encontrados próximos a vias navegáveis e conectados às cidades, nos arredores das quais os comerciantes encontravam abrigo durante o inverno. Isto contribuiu para o desenvolvimento do comércio (Le Goff, 2016).

“as cidades são teatros de uma árdua luta de classes, e as camadas dirigentes serão instigadoras e principais beneficiárias desse espírito urbano”:

Enquanto a senhoria rural só conseguira inspirar à massa dos camponeses que lá viviam o sentimento da opressão da qual eram vítimas [...] A sociedade urbana conseguira criar valores comuns, em certa medida, a todos os habitantes: valores estéticos, culturais, espirituais (Le Goff, 2016, p. 223).

No século XIII, de acordo com Mateus (2018, p.50), formou-se uma Europa Urbana, uma “mistura de populações, misturas de ideias, surgimento de novas instituições, centros econômicos e intelectuais”. Ainda para a autora, tais mudanças ocorridas a partir do século XI, podem ser evidenciadas como fatores fundamentais nas transformações educacionais e culturais, de modo que “o processo de urbanização, intensificou as necessidades de novas demandas que atendessem às questões sociais, o que modificou a estrutura existente, desde a economia até a educação” (Mateus, 2018, p. 51).

Ademais, é importante frisar que o Renascimento Urbano europeu, marcado pelo crescimento das cidades, foi impulsionado e, ao mesmo tempo, impulsionou o desenvolvimento do comércio, estando diretamente relacionados. Isso, pois, o crescimento urbano e populacional atraiu os comerciantes que se instalaram nos arredores e vendiam suas mercadorias (Silva, 2022).

Além disso, o aumento da produção agrícola, ao garantir um excedente de produção que poderia ser comercializado, consistiu em um fator fundamental no Renascimento Comercial, de modo que a atuação de comerciantes itinerantes contribuiu significativamente na circulação e comercialização de mercadorias, impulsionando sobretudo o comércio marítimo na região do mediterrâneo (Le Goff, 2016).

Le Goff (2016) afirma que, com o Renascimento Comercial retomou-se uma demanda que estava, há muito tempo, enfraquecida: o uso da moeda. No século XIII, várias regiões na Europa cunhavam suas próprias moedas, favorecendo a valorização dos frumentos (quaisquer tipos de grãos).

Se, por um lado, o crescimento urbano foi ponto de influência para o ressurgimento do comércio, por outro, o comércio também foi responsável pelo

contínuo aumento do crescimento da população urbana, pois, conforme Mateus (2018), pode ser considerada uma “reanimadora da vida urbana”:

O comércio foi aos poucos despertando nos homens um interesse coletivo, pois as riquezas foram se acumulando. E claro, muitos homens na ânsia de conseguir uma vida melhor, principalmente aqueles que viveram por muito tempo nos campos, maltratados por seus senhores, viam a possibilidade de novas conquistas. Isso foi aumentando a população urbana. (Mateus, 2018, p. 54).

Mateus (2018) destaca que com o Renascimento Urbano e Comercial, à medida que a burguesia foi adquirindo certa autonomia, também começou a reivindicar por direitos de liberdade, luta a qual foi se transformando em reivindicações para realizar seus ofícios livremente.

Ademais, a cidade medieval passou a ser considerada como um centro ativo de produção econômica e produção cultural, sendo que, “[...] foi ali que se criou uma nova função intelectual baseada na ciência, difundida por profissionais a uma população com outras demandas”, havendo um encontro da cultura popular da camada rural com a cultura erudita dos clérigos, que eram, por assim dizer, dois mundos distintos (Le Goff, 2016).

Le Goff ainda discorre que, no aspecto educacional, houve o surgimento de corporações de mestres e alunos com o intuito de reuniões de estudo. Consequentemente dando origem aos estudos universitários pelo método escolástico, ao desenvolvimento da literatura e nas transformações na arte e na arquitetura, Conforme Le Goff: “O século XIII foi um grande período de floração artística, particularmente no âmbito da arquitetura. A arte, e mais particularmente a arquitetura, foi uma das grandes manifestações e um dos grandes alicerces da unidade europeia” (Le Goff, 2006, p.205).

Portanto, o século XIII demarcou mudanças nas diferentes instâncias, que vinculam a formação do homem com o social. O estudioso Franco Júnior expõe que: “Este passou a desempenhar um papel central na vida do Ocidente, com repercussão muito além da esfera econômica” (Franco, 2001, p. 49).

A preocupação de Llull demonstra, pelos seus escritos, a informalidade com o homem que pensava no individual e não se importava com as atitudes que

permeavam os Sete Pecados Capitais⁸. Esses modos comportamentais, para ele, provocavam a desorganização na sociedade.

Desse modo, ele elaborou uma proposta de educação que abordasse princípios religiosos, intelectuais e biológicos para o desenvolvimento das crianças em ambientes com comportamentos virtuosos e ações que não prejudicassem o bem comum. Com a finalidade de explicar a nova classe social que estava se formando, Llull analisa que:

Nenhum homem tem tão pouco mérito de esmola, nem de fazer o bem quanto o burguês. Sabes por quê? Porque não suporta o mal que dá. E como o homem foi feito para trabalhar e suportar o mal, quem faz seu filho burguês atenta contra isso pelo qual o homem foi feito. Por isso, esse ofício é mais punido por Nosso Senhor Deus que qualquer outro⁹ (Llull, 1989, p. 62, tradução nossa).

Nesta perspectiva, a relação estabelecida entre a *Doctrina Pueril* e o renascimento do comércio é a de que, com essa nova sociedade em formação, alguns comportamentos relacionados aos Sete Pecados Capitais estavam se tornando 'naturais' no meio social. Nesse sentido, Lull visava ensinar uma outra educação para a sociedade futura, ou seja, formar as crianças do período dele para atuarem nas relações sociais futuras com responsabilidade para o bem comum. Mediante o exposto, consideramos necessário apresentarmos alguns pontos sobre a educação do século XIII e de como Llull concebia as alterações educacionais para o desenvolvimento do homem.

2.2 EDUCAÇÃO DO SÉCULO XIII

Como visto anteriormente, o século XIII é marcado por transformações que instituíram novas diretrizes nas instâncias da sociedade, demandando que os homens pensassem e agissem em prol do bem comum. Para isso, era necessária uma educação que formasse indivíduos capazes de viver de forma virtuosa, manifestando valores e um pensamento reflexivo do seu agir.

⁸ Os Sete Pecados Capitais consistem na: avareza, gula, inveja, ira, luxúria, preguiça e soberba. Esses pecados vão contra o desenvolvimento de virtudes necessário para formação humana.

⁹ Cap home té tan poc mèrit a l'almoïna o a fer el bé com el burgès. Saps per què? Perquè no pot suportar el mal que dóna. I com que l'home va ser fet per treballar i suportar el mal, qui fa burgès el seu fill viola allò per a què va ser fet l'home. Per tant, aquest ofici és castigat més per Nostre Senyor Déu que cap altre.

A nova vida em sociedade impôs aos homens urbanos a necessidade de pensar e agir em busca de medidas que permitissem uma convivência respeitosa com o espaço e o direito do outro. Isso, por sua vez, estabelecia vínculos sociais duradouros e de confiança. A cultura urbana exigia a criação de valores educacionais, sociais, culturais, econômicos e até mesmo arquitetônicos que transcenderiam a mera coexistência dentro dos limites físicos da cidade, proporcionando uma sensação relativa de segurança (Le Goff, 2006).

Nesse viés, para o desenvolvimento de valores e virtudes em prol da harmonia social, era essencial uma educação, na qual Llull pautou na vinculação da razão e da fé. O embate entre a fé e a razão não foi uma questão 'nova' no período de Llull, visto que já estava presente nas sociedades anteriores, mas, no século XIII, o confronto entre a fé e a razão ganhou maior destaque na Universidade de Paris. São Tomás de Aquino (1225-1274)¹⁰, inspirado na filosofia de Aristóteles (384 a.C-322 a.C)¹¹ provocou intensos debates na Universidade de Paris.

A obra *Os Intelectuais na Idade Média* (2006) de Le Goff, denota que o século XIII é considerado o século das universidades em razão das corporações. Conforme Le Goff (2006) as universidades surgiram como uma evolução das escolas monásticas e catedráticas, que eram mantidas e condicionadas pela Igreja. As escolas do período medieval eram destinadas à formação dos monges e estavam sediadas nos mosteiros. No entanto, Carlos Magno (742-814) desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento do ensino ao fundar e manter as Escolas Palatinas, tendo uma

¹⁰ É considerado um dos principais pensadores da Idade Média e um dos mais influentes teólogos da história. Ele combinou filosofia e teologia para desenvolver uma visão abrangente do conhecimento e da fé, incorporando elementos do pensamento aristotélico em sua filosofia. Para entender mais sobre a biografia do teólogo, leia-se: <https://www.sca.org.br/uploads/news/id143/SaoTomasAquino.pdf>. Em Vale destacar que na sua obra mais importante a *Suma Teológica* (1265-1274), o filósofo apresenta a sua visão sobre fé e razão. Segundo Aquino, a fé e a razão são duas formas distintas de conhecimento, mas não podem estar em contradição, pois têm a mesma origem em Deus. A razão, por meio da filosofia e da investigação intelectual, pode alcançar um certo conhecimento sobre o mundo natural e a existência de Deus. No entanto, há limites para a razão humana, e ela não pode atingir verdades sobrenaturais ou os mistérios da fé.

¹¹ Nascido na Macedônia, Aristóteles é considerado um clássico na filosofia. Destacamos que Aristóteles valorizava a razão como um meio de adquirir conhecimento sobre o mundo natural e humano, enquanto via a fé como uma questão pessoal, relacionada à esfera da religião e das convicções individuais. Ele não considerava a fé como um caminho confiável para a compreensão da realidade, mas acreditava que a razão deveria ser usada para investigar e explicar o mundo de forma sistemática e lógica. Para entender melhor esta relação, recomendamos a leitura da obra *Metafísica-Livro I*.

visão de missão superior que envolvia aspectos políticos, religiosos e culturais (Le Goff, 2006, p. 45).

Com o passar do tempo, as escolas catedrais, sustentadas pelos bispos, foram adquirindo importância e espaço à medida que o Império Carolíngio se fragmentava. Essas escolas, juntamente com as escolas monásticas, tornaram-se o centro da vida intelectual da Idade Média até o surgimento das universidades no século XIII (Verger, 2001).

As universidades surgiram como associações de mestres e alunos que buscavam certa independência em relação à influência eclesiástica. No contexto em que a Igreja monopolizava o ensino, as universidades conseguiram conquistar, após muita resistência e persistência, um caráter autônomo que foi herdado pelas instituições universitárias contemporâneas.

Portanto, as universidades medievais se desenvolveram a partir das escolas monásticas e catedrais, expandindo e aprimorando o sistema educacional da época, ao estabelecerem estruturas mais independentes e promoverem o conhecimento em várias áreas do saber.

As primeiras universidades foram fundadas em Bolonha (Itália), Paris (França) e Oxford (Inglaterra). Elas eram instituições independentes, administradas por estudantes e professores, e ofereciam cursos nas áreas de teologia, direito, medicina e artes liberais. O método de ensino e pesquisa era a escolástica, que determinou na vida acadêmica europeia desde o século XI até o século XV. Ela foi uma tentativa de sistematizar e integrar os conhecimentos filosóficos, teológicos e científicos da época, a fim de chegar a uma compreensão coerente e completa do universo. A escolástica se baseou principalmente nas obras de Aristóteles e do filósofo cristão Tomás de Aquino (Le Goff, 2006, p. 47).

Os escolásticos eram conhecidos por seus debates acalorados e por sua habilidade em argumentar e sintetizar conceitos complexos. Eles procuravam responder questões filosóficas e teológicas a partir da lógica e da razão, e seu trabalho é considerado importante para o desenvolvimento da filosofia medieval e para a preservação do conhecimento antigo durante o período. O autor Ruy Afonso da Costa Nunes (1979) pondera que:

A escolástica foi um método de pensamento e de ensino que surgiu e se formou nas escolas medievais e se plasmou de modo inextinguível

nas universidades do século XIII, máxime através do magistério e das obras de Santo Tomás de Aquino. O termo escolástica, porém, significa ainda o conjunto das doutrinas literárias, filosóficas, jurídicas, médicas e teológicas, e mais outras científicas, que se elaboraram e corporificaram no ensino das escolas universitárias do século XII ao século (Nunes, 1979, p. 244).

No sistema educacional medieval, as disciplinas eram divididas nas sete artes liberais, conhecidas como *Trivium* (gramática, retórica e dialética), e *Quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música). No nível superior, as matérias ensinadas eram teologia, direito e medicina. No entanto, no nível inferior, não havia um programa de estudos definido, resultando em uma estrutura pouco precisa. Os professores tinham liberdade para variar no desenvolvimento e ênfase de seus trabalhos, escolhendo as matérias consideradas mais importantes ou alinhadas com seus interesses (Le Goff, 2009).

A escolástica pode ser vista como um processo racional de análise crítica dos textos e das autoridades que os produziram, com o objetivo de realizar uma avaliação ponderada das escrituras. De acordo com Le Goff (2009), a escolástica é fundamentada no estudo de textos anteriores e no pensamento clássico enraizado na Bíblia, em Platão, Aristóteles e outros, os quais não fornecem uma verdade absoluta única e definitiva, mas asseguram bases sólidas para direcionar o pensamento racional.

Se faz necessário destacar que a educação do período precisava estar em consonância com o desenvolvimento das cidades, assim, instituições de ensino de orientação religiosa passaram por transformações significativas. Essas mudanças abriram caminho para o surgimento de novas escolas voltadas para a burguesia, uma vez que as crianças pertencentes a essa classe social demandavam um conhecimento mais abrangente e completo. Essas escolas proporcionavam um ensino diferenciado, adequado às necessidades específicas das crianças burguesas.

Desse modo, refletimos que:

[...] o ensino não pode mais ser somente o do trivium e do quadrivium. Em primeiro lugar, a escrita precisa dar conta dos contratos comerciais que são redigidos. Não pode ter mais, pois, a forma dos escritos solenes. [...] Ao contrário, precisa ser clara, rápida e exprimir energia, equilíbrio e gosto. [...] A língua não pode ser mais o latim, mas a língua vulgar. Os comerciantes, por exemplo, passam a utilizar as línguas das regiões onde o comércio está mais florescente. [...] Ao lado das

mudanças na língua e na escrita, esta sociedade precisa aprender o cálculo. Seu ensino passa a ser feito de forma simples, com o uso de objetos práticos. Utiliza-se, por exemplo, o ábaco e o tabuleiro de xadrez. [...] Não menos importante passa a ser a aprendizagem de uma geografia prática. É preciso saber onde se localizam determinadas regiões, determinados portos, mapas que facilitem a localização de rotas marítimas (Oliveira, 2005, p. 367).

Mediante a citação acima e a relevância do método escolástico, faremos menção à interpretação, também, do autor Martin Grabmann¹² (1875-1949). Grabmann menciona que a escolástica foi constituída pela vida e pelas ações do homem medieval, para ele a escolástica é: “Por la apariencia y la forma externa, la filosofía cristiana de la Edad Media nos aparece, según lo indica ya el nombre de Escolástica (Grabmann, 1949, p. 35). Em outras palavras, a escolástica vai além de uma forma de ensino, é uma característica da sociedade medieval.

Nesse ambiente educacional, Ramon Llull propõe uma educação para os indivíduos do século XIII, baseada na convicção de que a fé e o uso da razão eram os alicerces essenciais para a formação do ser humano. Além disso, é crucial explorar a biografia de Llull para compreender as influências que moldaram o seu pensamento.

¹² Para entender melhor quem foi Martin Grabmann, recomendamos a leitura do artigo *Martin Grabmann: príncipe da pesquisa historiográfica tomista* de autoria Henryk Anzulewicz¹ e versão e adaptação de Rafael Barretto. Disponível em: <http://www.aquinate.com.br/wpcontent/uploads/2016/11/1-Grabmann.pdf>.

2.3 BIOGRAFIA DE RAMON LLULL

Figura 1- Representação de Ramon Llull



Fonte: Instituto Brasileiro Filosofia Ciência Raimundo Lúlio, 2006.

Compreender como foi a vida de Ramon Llull é essencial para entender as reflexões contidas em suas obras. À vista disso, utilizamos como fonte a autobiografia *Vida Coetânea* (1311), traduzida pelo professor Ricardo da Costa.

Nascido em 1232 na Ilha de Maiorca, situado na Espanha (Península Ibérica)¹³ Llull viveu em período de transformações sociais, culturais e religiosas, que por sua vez influenciou sua vida e conseqüentemente a sua escrita. Ricardo da Costa (2001) comenta que a formação intelectual e política de Llull ocorreu durante o reinado de Jaime I¹⁴.

¹³ A Península Ibérica está localizada geograficamente na região sudoeste do continente europeu. Em seu território estão localizados, principalmente, três países, chamados de países ibéricos, sendo: Portugal, Espanha e Andorra.

¹⁴ Conforme a autobiografia *Livro dos feitos*, Jaime I, também conhecido como Jaime, o Conquistador, foi um rei da Coroa de Aragão (1213-1276) que nasceu em Montpellier, na França, em 2 de fevereiro de 1208, e morreu em Valência, na Espanha, em 27 de julho de 1276. Jaime I foi o fundador da dinastia de Barcelona, e é conhecido por sua contribuição na unificação das terras de Aragão, Valência e Catalunha, formando assim a Coroa de Aragão, uma importante potência mediterrânea da época. Ele é mais lembrado por suas conquistas militares, especialmente a conquista de Valência dos mouros em 1238, que marcou o fim do domínio islâmico na Península Ibérica. Jaime I foi também conhecido por sua tolerância religiosa e por sua promoção das artes e da cultura, incentivando a literatura, a poesia e a música na Catalunha.

Para assimilarmos melhor essa questão, é relevante destacar que dos séculos X ao XVI o movimento de expansão da fé cristã estava presente, impulsionado pelos cristãos. A partir do século X, os governantes começaram a apoiar ativamente a cristianização de suas terras, promovendo a construção de igrejas, mosteiros e catedrais, e incentivando a conversão de seus súditos. Assim, a região da Espanha era um território de cristalinidade, sendo marcado por grandes disputas entre cristãos e muçulmanos (Costa, 2001).

Ricardo da Costa (2010) explana que a Ilha de Maiorca estava sob posse dos muçulmanos, todavia, em 1229, pelo comando de Jaime I, os cristãos conquistaram a região. A população não cristã, que vivia nesses lugares reconquistados, ali permaneceu.

Por conseguinte, os judeus foram estimulados política e economicamente a permanecerem em Maiorca, podendo preservar sua identidade religiosa, locais de culto e de ensino e trabalho. No entanto, os muçulmanos sofreram uma antipatia, sendo escravizados e perdendo a liberdade de expressão de sua fé. O convívio entre os judeus, muçulmanos e cristãos ocasionava conflitos, sendo preocupação pela coroa, uma vez que, por questões econômicas, os indivíduos necessitam desenvolver a tolerância religiosa:

Durante séculos, a Península Ibérica foi um dos maiores pontos de contato entre as grandes religiões monoteístas. Tal peculiaridade fez com que os reinos cristãos, inimigos do Islã e motivados pela sobrevivência, se depararem com a necessidade de implementar políticas de assentamentos e repovoamentos em que considerações de caráter religioso fossem proteladas em nome de necessidades econômicas e sociais concretas. Essa tolerância não significou uma mistura ou assimilação das religiões, que lutaram pela manutenção de suas diferenças (Lemos, 2010, p. 35).

Acreditamos que os fatos descritos na citação acima, podem ter sido ocasionados pela localização da Península Ibérica. Vejamos o mapa a seguir:

Figura 2- Representação da Península Ibérica



Fonte: Atlas geográfico, 2010.

No mapa, podemos observar que a Ilha de Maiorca possuía uma posição comercial estratégica no Mediterrâneo, que viabilizou/movimentou o comércio da Ilha em comparação entre as regiões da península. Ademais, apresentava uma vasta cultura em razão da miscigenação cultural, possibilitando que Lluç conhecesse a organização, crenças e valores dos diferentes povos, fato que contribuiu para a sua escrita.

É importante destacar que a família de Lluç, em particular seu pai, participou da conquista territorial da Ilha de Maiorca. Conforme conta o historiador Ricardo da

Costa (2006) o filósofo vem de uma família nobre. Além do mais, por morar em uma localidade onde havia uma concentração de população muçulmana e judia, o filósofo teve sua formação religiosa com convivência de diálogos inter-religiosos. Costa afirma que:

[...] esse cosmopolitismo da sociedade de Maiorca proporcionou a Ramon Llull uma visão privilegiada das culturas judia e muçulmana, tornando-o um dos escritores e filósofos medievais melhor preparados para abordar o tema do diálogo inter-religioso, assunto em voga nos círculos intelectuais de então. Esse ambiente cultural possuía, naturalmente, uma grande preocupação religiosa, tanto na conversão dos infiéis quanto na unificação do cristianismo (Costa, 2006, p. 108).

Em algumas passagens de seus escritos, Llull faz referências que, na juventude, possuía uma vida de pecado. Na autobiografia *Vida Coetânea*, o autor discorre sobre o motivo pelo qual teria mudado de vida.

Llull relata que, em uma noite estava diante de sua câmara sobre o arquibanco de seu leito, escrevendo uma canção para uma namorada, a qual, naquele momento, ele amava muito. Quando estava escrevendo a canção, avistou Jesus Cristo suspenso com os braços na cruz. Após tê-lo visto, com um grande temor, deixou todas aquelas coisas que tinha entre suas mãos, deitou-se em seu leito e cobriu-se (Llull, 1311).

As visões não pararam. No dia seguinte, Llull ao mexer com a canção que estava fazendo para a sua amada, teve uma nova visão de Nosso Senhor com os braços na cruz, a visão o deixou assustado. As visões ocorreram por mais três vezes. Llull entendeu que as visões eram uma forma de chamado, mas ele se sentia incapaz de servir a Deus. Após reflexões, aceitou a missão e buscou formas de cumprir o seu propósito:

E, já com este propósito e deliberação estivesse inflamado e incendiado no amor do crucifixo, cogitou qual ato, qual serviço ele poderia fazer que fosse aceitável e plausível à sua paixão. E, pensando nisso, ocorreu-lhe o dito do Evangelho, que diz que não pode haver maior caridade nem amor nenhum com o outro que dar a vida por aquele; e, para tanto, o dito reverendo mestre, já todo incendiado em ardor no amor para com a cruz, deliberou que maior nem melhor agradável ato não poderia fazer do que converter os infiéis e incrédulos à verdade da santa fé católica, e para aquilo colocar a sua pessoa em perigo de morte. E, como ele ficou pensando longamente sobre isso, voltando diante de si mesmo, ele duvidou ser apto e disposto a tão alto ministério; porque considerando ser iletrado — como em sua juventude só havia aprendido um pouco de Gramática — e considerando esta falta tão grande e defeito em tão alto ministério,

e contrário disso que ele desejava, começou a ter tanta dor que quase saiu de si mesmo (Llull, 1311, p.7).

Ainda em sua autobiografia, o filósofo apresenta três objetivos para o seu projeto de vida missionária. Conforme o autor, eles consistem em:

- Doar-se à servidão do “Nosso Senhor Deus Jesus Cristo”;
- Fazer livros, “uns bons outros melhores, sucessivamente contra os erros dos infiéis”;
- Partir ao santo Papa e aos príncipes dos cristãos para impetrar que fizessem diversos monastérios, onde homens sábios e literatos estudassem e aprendessem a língua árabe e de todos os outros infiéis para poderem pregar e manifestar entre eles a verdade da santa fé católica (Llull, 1311, p. 9).

É possível considerar que a vida missionária de Llull era sistematizada pela relação entre fé e razão. Segundo ele, além dos ensinamentos do evangelho, fazia-se necessário o homem aprender as ciências, demonstrando assim, que sua proposta educacional, consistia na relação entre a fé e a razão.

Para o autor, o mecanismo responsável para o homem desenvolver o pensamento reflexivo era a aquisição de conhecimento, pois a partir dos parâmetros de discussões que ele proporcionava, os indivíduos seriam capazes de distinguir e entender as suas ações.

Llull, ao questionar e analisar o que era preciso para a formação do homem e, conseqüentemente, para a formação do pensamento reflexivo, revela que a educação sempre foi o princípio essencial para o homem conviver em sociedade. Para tanto, ele assevera que deve ser desenvolvida a partir da primeira idade, para que as crianças cresçam e entendam o que ocorre no mundo e possam averiguar a conjuntura na qual vivem.

Devemos mencionar, que o período que Llull tinha o objetivo de expandir o cristianismo, era uma época de grandes conflitos religiosos, e o filósofo propôs cumprir os seus propósitos para a disseminação da religião cristã. Conforme a Ricardo da Costa:

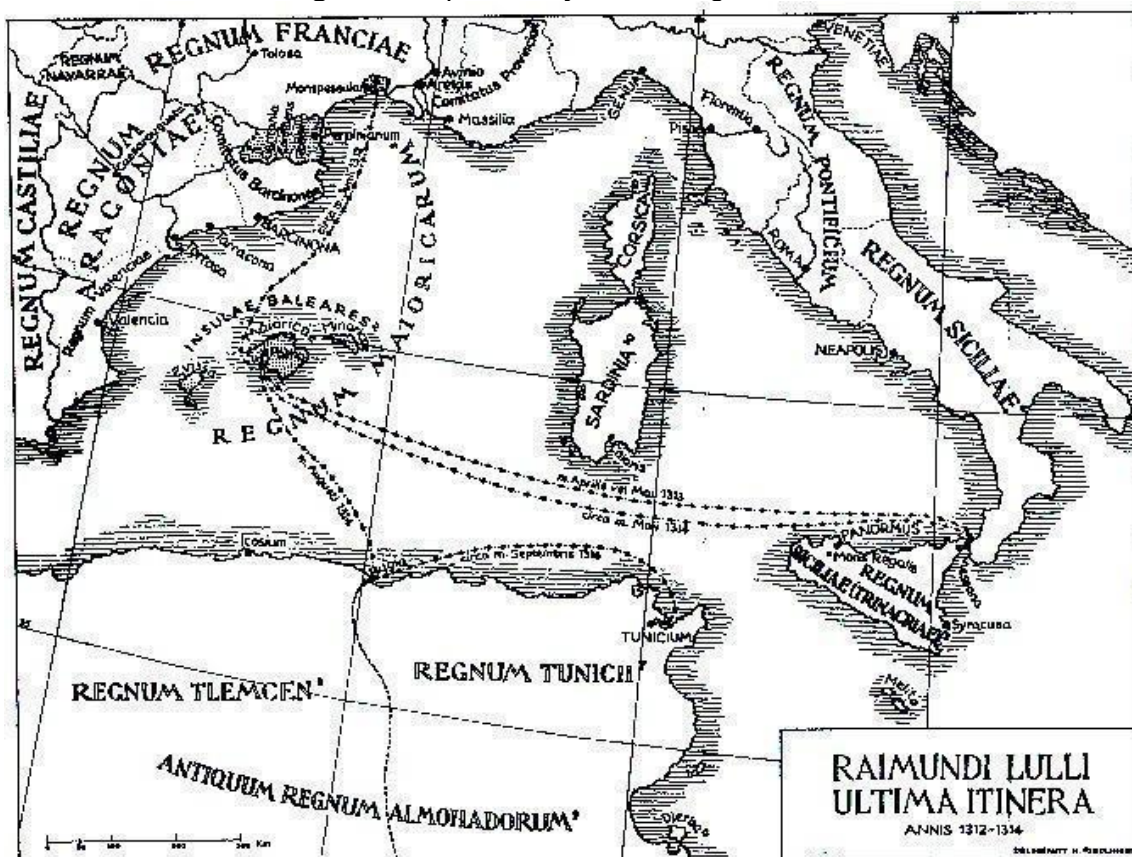
O século XIII é o tempo da perplexidade para o cristianismo: conhecedores que eram a minoria no mundo, a primeira atitude de muitos cristãos foi sair pelo mundo e divulgar a palavra de Deus. Por esse motivo, surgiram as ordens mendicantes, e a atitude apologética

de Ramon Lull expressa muito bem esse sentimento de angústia e perplexidade coletiva que se transformou em ação, em um otimismo sem par na certeza de poder converter todo o mundo. Por esse motivo, o século XIII foi definido como “o século do otimismo” (Costa, 2006, p. 112).

Como notamos no decorrer desta seção, Lull pertencia a uma vida de pecado, mas após as visões e elaboração dos três intuitos para servir a Deus, a vida do filósofo passou por momentos de decisões e renúncias para seguir a santidade. Para executar seus objetivos Lull fez uma série de viagens pelo Mediterrâneo em busca de apoio político, formação do seu saber erudito e pregação.

O antropólogo Antoni Ginard Bujosa (1957) discorre que as viagens de Lull podem ser divididas em três momentos: **a)** viagens a locais de referência da Cristandade; **b)** viagens da cultura e da política e **c)** viagens missionárias para conversão. Examinemos o itinerário a seguir:

Figura 3-Representação das viagens de Lull



Fonte: Instituto Raimundo Lúlio, 2013.

Dentre as viagens realizadas pelo filósofo, focamos nas idas a Paris, França. Paris foi o palco para a escrita de várias obras de Llull. Ele sempre buscou apoio do rei aos seus projetos, como a construção de escolas de línguas pois observamos que: “Nelas, o árabe e outras línguas orientais seriam ensinadas a futuros missionários leigos que, com a ajuda de sua arte, deveriam convencer mestres e doutores das outras religiões” (Jaulent, 2001, p. 10).

Além do mais, Llull suplicava ao rei da França, Filipe IV, o seu apoio para propagar a fé cristã, a fim de renegar os ensinamentos averroístas¹⁵ que estavam sendo veiculados, principalmente, na Universidade de Paris.

Vale ressaltar que não conseguimos informações sobre a vida pessoal de Llull, além da sua autobiografia, dificultando conhecê-lo mais. Porém, no que se refere à produção científica do filósofo, Alexandre Fidora discorre que ele produziu centenas de estudos em diversas áreas:

[...] esta produção, nos diversos campos da medicina, do direito, da filosofia, da teologia e também da pedagogia, para mencionar apenas alguns, já é impressionante mais não seja por sua extensão. Assim, os escritos que nos foram legados do grande estudioso maiorquino superam em sua totalidade o número de 250 obras que somam cerca de 27.000 páginas (Fidora, 2011, p. 3).

Llull foi um grande pensador, abrangeu diversos assuntos, discorrendo de forma simples e de fácil compreensão de suas ideias. Ricardo da Costa (2010) relata que Llull criou uma escola na cidade de Miramar, lugar no qual educou intrépidos missionários para divulgar a fé. Ao escrever as suas obras, vivenciava o seu momento e as mudanças que ocorriam na sociedade. A seguir, trazemos a arte de Llull na literatura, com a representação de Deus.

¹⁵ Os ensinamentos averroístas se baseiam nas ideias do filósofo islâmico Ibn Rushd, também conhecido como Averróis (1126-1198). O averroísmo é frequentemente associado à interpretação aristotélica da filosofia e à tentativa de reconciliar o pensamento de Aristóteles com a teologia islâmica e, posteriormente, com a teologia cristã. A principal doutrina averroísta é a "dupla verdade". Segundo essa visão, existem duas verdades separadas e independentes: a verdade religiosa e a verdade filosófica. A verdade religiosa é a revelação divina, enquanto a verdade filosófica é o conhecimento obtido através da razão e da investigação intelectual. Essa separação foi uma tentativa de conciliar a filosofia aristotélica, que estava ganhando destaque na época, com os ensinamentos religiosos. Os averroístas também acreditavam na imortalidade da alma e na existência de uma única alma intelectual universal que todos os seres humanos compartilham. Essa ideia da alma intelectual universal estava em conformidade com a filosofia aristotélica (Le Goff, 2010).

2.4 A REPRESENTAÇÃO DE DEUS NA LITERATURA LULIANA

Há várias definições encontradas para termo “arte” e uma delas consiste em: “é o conjunto de meios e procedimentos através dos quais é possível a obtenção de finalidades práticas, ou a produção de objetos” (Michaelis, 2007, p. 28). A arte concebida por Llull era um método de apresentação do seu pensamento. Por meio dela, ele poderia empregar saberes filosóficos e teológicos para encorajar o indivíduo a aprimorar sua existência pelas virtudes, revelando as vias que as pessoas deveriam trilhar e se aperfeiçoar, reprimindo os vícios.

A filosofia da sua arte se baseia em um modelo de vida diretamente ligado aos princípios religiosos, ou seja, podemos dizer que o pensamento de Llull está acordado com o seu momento, no qual Deus era o centro do mundo e os homens deveriam seguir os Seus ensinamentos.

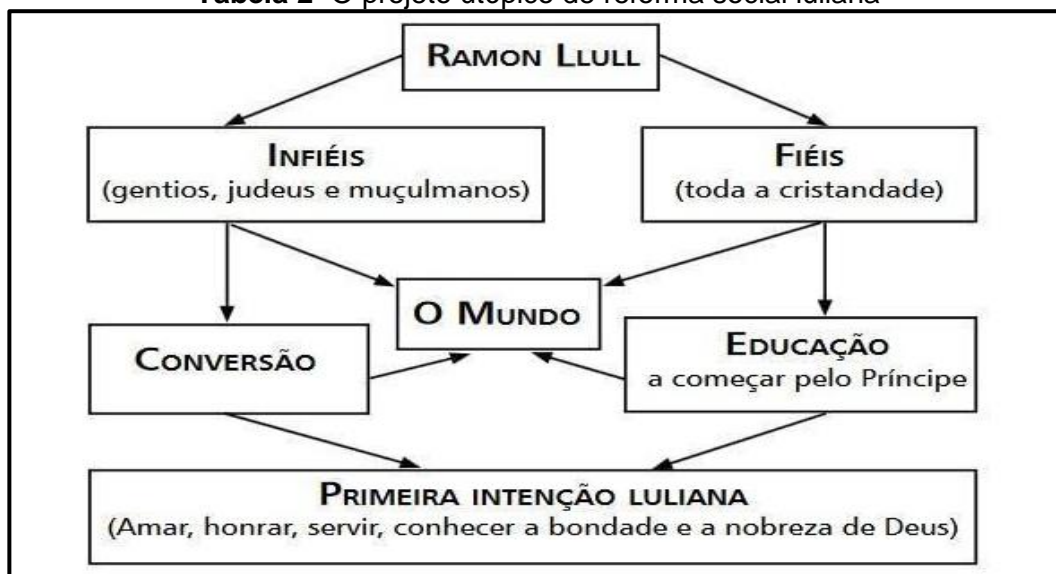
Assim, Llull desenvolveu uma Arte fundamentada em uma crença que poderia ser adotada e aceita pelos cristãos, muçulmanos e judeus, independentemente de suas doutrinas e dogmas específicos. A Arte de Llull compartilhava a crença na criação e nos atributos de Deus, revelando um único Deus para todos eles. Esta arte consistia na criação de uma ciência universal, que por sua vez, buscava o desenvolvimento uma linguagem simbólica, na qual cada ideia fosse representada por um sinal, permitindo assim todas as combinações concebíveis entre esses sinais, resultando em todas as possíveis idéias (Costa, 2010).

Seu objetivo era transmitir a importância da razão e da fé, seguindo um caminho que buscava evidências racionais e uma conexão espiritual. Para isso, ele procurava demonstrar as virtudes de Deus por meio de Sua criação, não apenas com os olhos físicos, mas também com o que ele chamava de "olhos espirituais" (Costa, 2009). Na introdução da tradução do livro *Félix ou O Livro das Maravilhas*¹⁶ Costa (2009) traz um quadro didático sobre o objetivo de Llull.

¹⁶ Esta obra foi escrita por Ramon Llull em Paris entre os anos de 1288 e 1289 e foi considerada uma das primeiras novelas medievais que tratava de filosofia e sociedade.
Para conhecer a obra leia-se em:

https://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/felix_ou_o_livro_das_maravilhas_-_parte_1_0.pdf

Tabela 2- O projeto utópico de reforma social luliana



Fonte: COSTA, Ricardo. **Félix, ou o livro das maravilhas**, 2009. p. 12.

Para Llull, a sociedade só poderia ser transformada por meio da prática cristã e da conversão dos chamados 'infiéis' para o cristianismo. Podemos notar esse propósito de transformar 'infiéis' em 'fiéis' na obra *O livro do gentio e dos três sábios* (1274-1276)¹⁷. No prólogo, o filósofo discorre que:

Tendo convivido longo tempo com os infiéis, entendi suas erradas opiniões. Eu, homem, culpado, mesquinho, pobre, desprezado por todos, indigno de inscrever meu nome neste livro ou em qualquer outro, esforçar-me-ei plenamente, conforme o método do livro árabe *Do Gentio* e confiando na ajuda do Altíssimo, em procurar novos caminhos e argumentos pelos quais os que erram possam ser encaminhados à glória sem fim, escapando dos infinitos trabalhos, e deste modo louvem a Deus nosso Senhor e cheguem ao caminho da salvação eterna (Llull, 2001, p.41).

Com a finalidade de que a sua Arte fosse compreendida e seu objetivo fosse atingido, Llull redigiu a obra *Arte Breve*¹⁸, apresentando de forma compreensível os elementos essenciais para entender seu pensamento. Dessa maneira, a sua

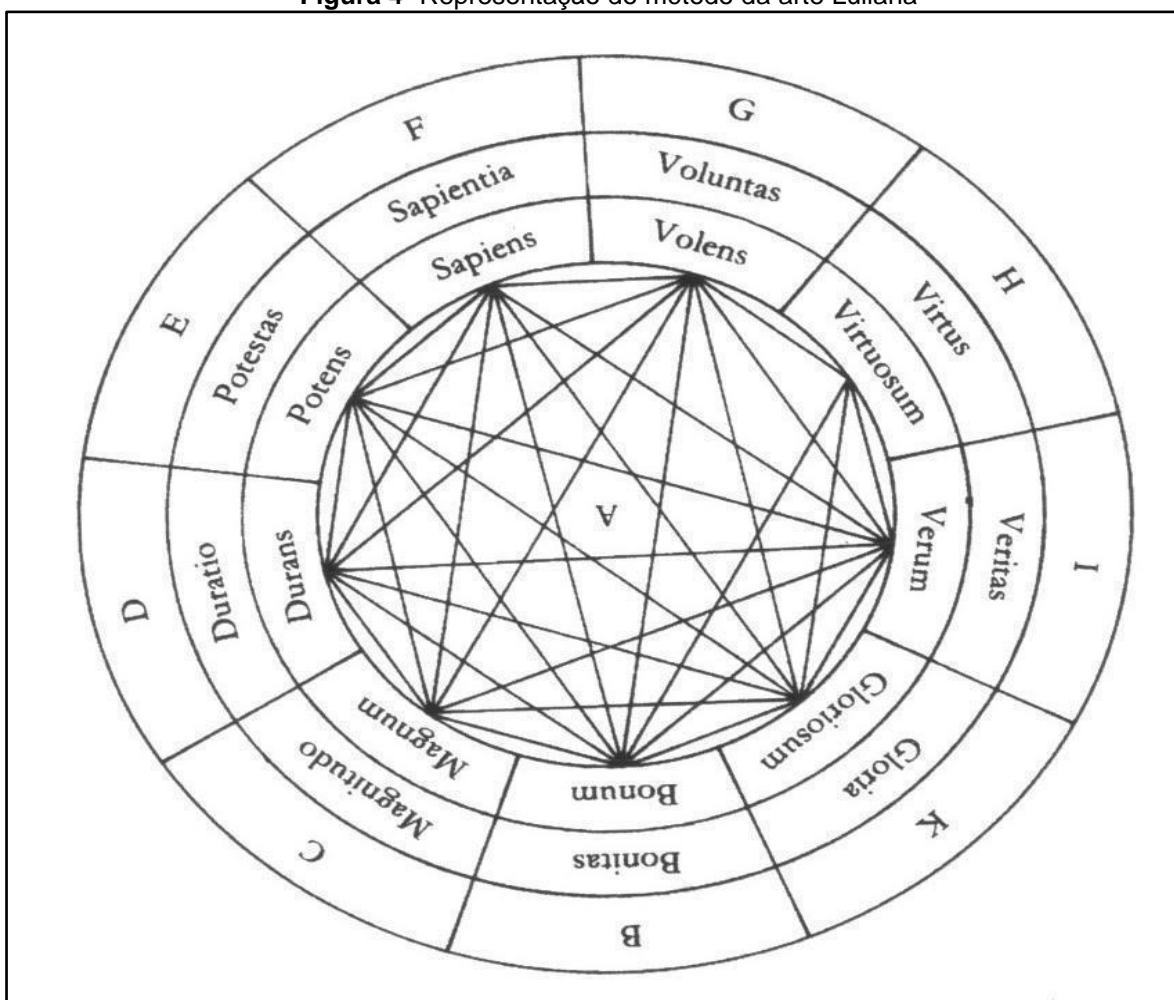
¹⁷ Esta obra foi escrita entre 1274 e 1276 e retrata um diálogo inter-religioso entre um Gentio e três sábios. Eles decidem utilizar um método original de argumentação para provar-lhe a existência de Deus e da ressurreição. Após ficar feliz com essa descoberta, o Gentio pede aos sábios que expliquem as suas próprias religiões, para que ele possa escolher a verdadeira.

¹⁸ Esta obra foi escrita no ano de 1308 e trata sobre o método da arte luliana. Para ler na íntegra, acesse: <https://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/arte-breve-1308>

concepção foi elaborada a partir da representação de letras e figuras e cada representação tinha o seu significado.

Na Figura que temos abaixo, uma das letras utilizadas por Llull para expor o seu pensamento é a letra **A**, que correspondia a representação de Deus. Além do mais, a imagem apresenta círculos superpostos para a demonstração dos princípios absolutos. No círculo maior, analisamos os substantivos como: *sapientia*, *virtus*, gloria¹⁹ e entre outros. Por sua vez, no círculo menor são relatados os predicativos de Deus, como: *sapiens*, *bonum*, *verum*²⁰ etc. Por último, as linhas no interior transcorrem para expressar que todos os princípios se convertem em Deus.

Figura 4- Representação do método da arte Luliana



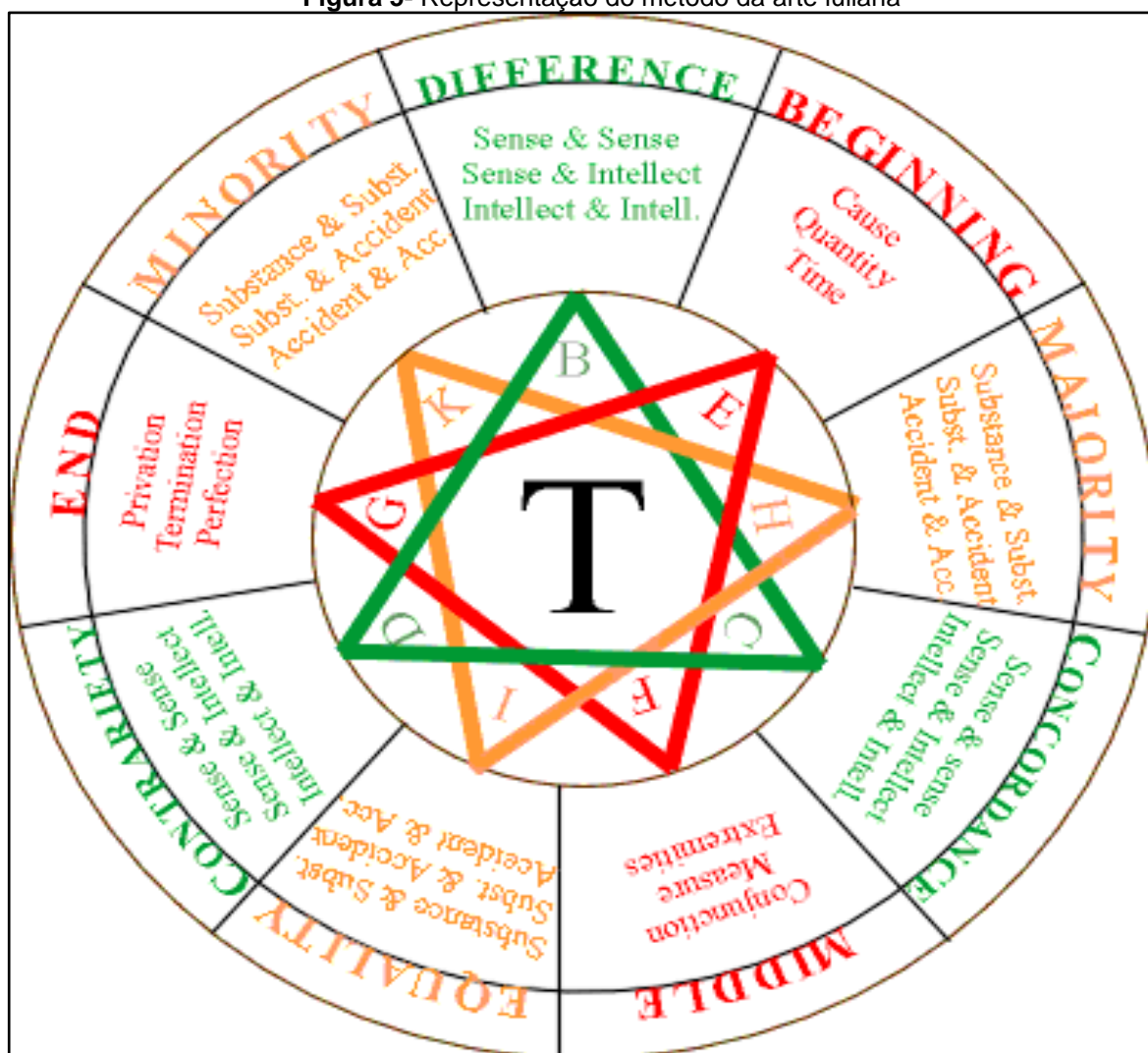
Fonte: Instituto Raimundo Lúlio, 2013.

¹⁹ Sabedoria, virtude, glória (Tradução nossa).

²⁰ Sábio, bom, verdadeiro (Tradução nossa).

A partir desta figura, Llull desenvolveu outra, na qual utilizava a letra **T**. A imagem apresentava três triângulos, sendo que o primeiro discorre sobre os conjuntos da *difference*, *concordance* e *contrariety*²¹, sendo representada pelo triângulo. O segundo trata do *principi*, *mig* e final²² (triângulo vermelho), e o terceiro, com a *majoria*, *igualtat* e *minoria*²³ (triângulo amarelo). Notemos a figura abaixo:

Figura 5- Representação do método da arte luliana



Fonte: Instituto Raimundo Lúlio, 2013.

²¹ Diferença, concordância e contrariedade (Tradução nossa).

²² Princípio, o meio e o fim (Tradução nossa).

²³ Maioridade, igualdade e menoridade (Tradução nossa).

O surgimento deste método ficou conhecido por *Demonstrativo Per Aequiparantiam*, no qual o filósofo mostra a criação a partir dos princípios absolutos. Llull discorre que Deus era o início das coisas. Por consequência, o método possibilitava que o ser humano alcançasse sua plenitude racional e, conseqüentemente, encontrasse a felicidade. Através de suas experiências, o indivíduo vai adquirindo uma maior maturidade intelectual e uma clareza aprimorada em seus pensamentos. A respeito disso, Esteve Jaulent (2009) afirma que:

[...] o Homem reconquistará a sua lucidez mediante hábitos bons, obras racionais, fruto da liberdade humana. Neste sentido, Lúlio apresenta que são os hábitos virtuosos e bons que permitem a utilização da racionalidade sobre os sentimentos e a sensibilidade humana (Jaulent, 2009, p. 4).

Com as imagens acima, observamos que o filósofo tinha o propósito de converter os infiéis. Logo esperava que seu método o auxiliasse a concretizar o que considerava sua tarefa: difundir as diversas crenças religiosas a persuasão em relação à fé cristã. Ricardo da Costa (2009) comenta que a Arte luliana tinha cinco objetivos:

1. Conhecer e amar a Deus amar a Deus era um preceito cristão (Mc 12: 30 e Lc 10: 27), mas amar e conhecer a Deus era uma característica da teologia;
2. Unir-se às virtudes e odiar os vícios;
3. Confrontar as opiniões errôneas dos infiéis por meio das razões convincentes, ou necessárias;
4. Formular e resolver questões;
5. Poder adquirir outras ciências em um breve espaço de tempo e tirar as conclusões necessárias segundo as exigências da matéria. Isto fazia da Arte luliana uma ciência das ciências, proporcionando o critério para um ordenamento preciso e racional de todo o conhecimento (Costa, 2009, p. 10).

Vale salientar, que no primeiro contato que temos com a Arte de Llull, há a impressão de ser algo totalmente complexo, porém, com a leitura e com análise das combinações, vemos que sua explicação é bem didática. Sobre essa complexidade Ricardo da Costa (2010) retrata que:

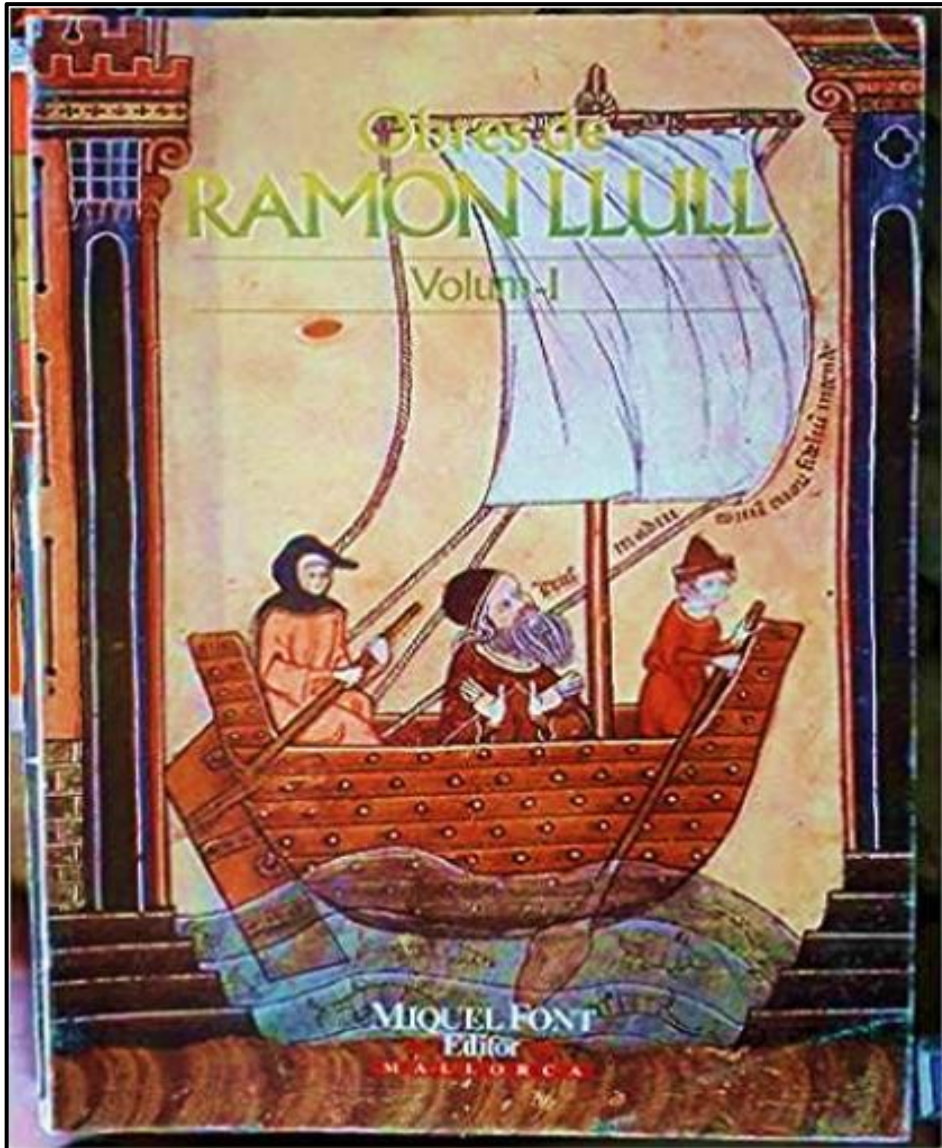
A primeira sensação que o leitor moderno tem quando se interessa pela filosofia de Ramon Llull e ingressa em seu mundo de figuras, círculos giratórios, tabelas, cores e combinações é a perplexidade. Por exemplo, ao lermos em uma das versões de sua *Arte* que "...ao investigar Y através do triângulo vermelho, convém que F discorre por todos os ângulos de T para que G entenda o triângulo vermelho de Y", temos a impressão de que se trata de um tratado de álgebra, não de filosofia (Costa, 2010, p.6).

Diante o exposto, consideramos que Llull teve a preocupação de desenvolver um método para que os indivíduos entendessem seu pensamento e o seu objetivo no mundo. Por conseguinte, na próxima seção iremos explorar a arte de Llull na obra *Doutrina Pueril*, compreendendo a sua visão do que é corpo e alma.

No entanto, antes de entrar nas análises de *Doctrina Pueril*, se faz importante apresentar a organização dessa obra. Escrita por Llull entre os anos de 1274 e 1276, a obra está organizada em 13 capítulos, sendo eles: Dos Treze Artigos, Dos Dez Mandamentos, Dos Sete Sacramentos da Santa Igreja, Dos Sete Dons que o Espírito Santo dá, Das Oito Bem-aventuranças, Dos Sete Gozos de Nossa Senhora, Das Sete Virtudes que são os Caminhos da Salvação, Dos Sete Pecados Mortais pelos quais o Homem vai à Danação Perdurável, Das Três Leis, Das Sete Artes e De Matérias Diversas.

Esses capítulos visam ensinar os princípios básicos da fé cristã e da moralidade para as crianças. O autor utiliza uma linguagem simples para educar as crianças nas virtudes cristãs, como a fé, a caridade e a esperança, enquanto também destaca a importância da oração e do conhecimento de Deus.

Figura 6- Capa da obra



Fonte: Autora, 2023.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE CORPO E ALMA EM RAMON LLULL

Nesta seção, traçamos aspectos sobre o corpo e alma tratada por Llull em *Doctrina Pueril*. O filósofo apresenta que os cuidados com o corpo e com a alma são essenciais para a educação do homem. Segundo Llull, a educação corpórea e da alma advém de ensinamentos e hábitos que são transmitidos de pais para filhos.

Dessa forma, analisamos que a obra é redigida como fosse um “manual” que Llull direcionou ao seu filho Domingos. Vale frisar que nesse manuscrito, o filósofo trata de forma separada os princípios do corpo, da alma e do intelecto, contudo, o autor disserta que esses três princípios são interligados e essenciais para a formação humana.

Antes de adentrarmos na discussão sobre corpo e alma em Ramon Llull, avistamos a importância de abordarmos como essa relação era vista na Idade Média. No medievo, os homens se fundamentavam em dois filósofos da Antiguidade sobre este tema: Platão²⁴ (427-347 a.C.) e de Aristóteles (384 – 322 a.C.), que por sua vez eram ideias divergentes. Destacamos que, compreender tais visões é importante para entender o pensamento de Llull.

Na concepção de Platão (1991), havia um dualismo psicofísico. Segundo ele, o corpo era “inferior” a alma, enquanto a mesma era imortal e existia antes de nascer e até mesmo após a morte. Esse dualismo se explica, pois para o filósofo existiam dois mundos: o sensível e o inteligível²⁵. Vejamos a citação abaixo, em que discorre sua visão sobre o corpo:

Vede, pelo contrário, o que ele nos dá: nada como o corpo e suas concupiscências para provocar o aparecimento de guerras, dissensões, batalhas; com efeito, na posse de bens é que reside a origem de todas as guerras, e, se somos irresistivelmente impelidos a amontoar bens, fazemo-lo por causa do corpo, de quem somos míseros escravos! (Platão, 1991, p.119-120).

²⁴ Foi um filósofo grego da antiguidade, sendo um dos principais pensadores da história da filosofia. Vale ressaltar que era discípulo de Sócrates. Para entender um pouco mais sobre a biografia de Platão, leia-se: <https://www.ebiografia.com/platao/>.

²⁵ Platão coloca o mundo sensível percebido pelos cinco sentidos, enquanto o inteligível é atingido por meio da racionalidade. Para assimilar melhor, recomendamos a leitura da obra *A República*, mais especificamente os livros VI e VII.

Diferente de Platão, o pensamento aristotélico coloca que o corpo e alma são unidos, sendo o corpo a “casa” da alma. Na obra *Da alma*, Aristóteles retrata que matéria (corpo) e forma (alma) são elementos para todos os seres vivos, desde uma planta a o homem, ou seja, a alma é considerada um princípio da vida. No entanto, Aristóteles afirma que há uma tripartição da alma, consistindo em: alma vegetativa, sensitiva e intelectiva. A alma intelectiva é o que diferencia o homem dos demais seres vivos possibilitando que o homem seja racional, assim, entenderemos essa questão mais adiante.

Vale ressaltar que conhecer essas concepções existentes na Idade Média, mesmo que de forma sucinta, é necessário para compreender o pensamento de Llull. Destarte, o filósofo tem como base a visão de Aristóteles para explicar a relação entre corpo e alma.

À vista disso, quando nos debruçamos em outros escritos de Llull, como por exemplo, *Escritos Antiaveroístas* (1309-1311)²⁶, entendemos que o corpo e a alma são uma única unidade, compreendo que: o corpo é a matéria, enquanto a alma consiste na forma. Mas o que isso quer dizer? Llull argumenta que a alma é a responsável por fazer o homem distinguir as informações passadas a ele, tanto pelo corpo como por representações sociais. Vejamos as citações abaixo:

Disse a forma: Sou a composição absoluta pela forma da bondade, da grandeza, da duração, do poder, do instinto, do apetite, da virtude, da verdade, do prazer e da perfeição. Provindo de todos os princípios inatos, sou ativamente uma única forma absoluta; ativando, existo pela bondade, pela grandeza e assim por todos os outros princípios inatos, dos quais sou constituída; e assim sou absoluta (Llull, 2001, p.125).

[...]

Disse a matéria: sou ente, do qual algo é feito apassivando. E isso substancialmente e acidentalmente, pois sou dúplice, porque de mim, que sou primitiva, faz-se a matéria particular, que é parte substancial da substância, por exemplo, a matéria da rosa, do cavalo, etc. Sou, todavia, acidental assim como o ferro, que está em potência para a espada, e a gramática para gramático (Llull, 2001, p. 131).

Considerando as citações acima, ressaltamos que para Llull o corpo e alma são unidos, no entanto, necessitam ser cuidados e educados para refletir a imagem de Deus. Dessa forma, no que se refere ao corpo, o autor explica em três capítulos de

²⁶ De acordo com Esteve Jaulent (2001) esta obra foi redigida por Llull em 1309 até setembro de 1311, durante a sua última viagem em Paris.

Doctrina Pueril, condições fundamentais para o corpo humano, sendo eles: *De cors humanal, De vida e De la Mort*.²⁷

3.1 DO CORPO HUMANO, DA VIDA E DA MORTE

No que se refere ao corpo humano, Lull explana sobre a sua composição e dos elementos que integra a estrutura. O filósofo inicia dissertando que o corpo apresenta quatro elementos²⁸ que podem ser corrompidos e por consequência é preciso que o homem como, beba, durma e descansa a fim de harmonizar os elementos.

O filósofo explica ao seu filho que o corpo é constituído por cinco sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato. É por intermédio desses sentidos que o homem se relaciona com o meio que vive, mas é necessário que os indivíduos tenham discernimento para agir em favor do corpo. No que se refere a educação do corpo, Lull retrata que:

Comer e beber pouco engendra matéria sutil e dá grande espaço ao espírito vital e ao alento que te refresca do calor contrário a ele. Por sua vez, comer e beber muito faz grossa matéria. Sabes por quê? Para que o calor natural não cozinhe a comida que o espírito vital necessita pelos membros, de tal maneira que ali exista a virtude e a operação convenientes, sem as quais o espírito vital não poderia existir nos membros, nem em sua virtude, nem em sua força²⁹ (Lull, 1986, p. 144-145, tradução nossa).

Averiguamos no decorrer do “manual” que Lull apresenta a importância de que os pais iniciem os cuidados com o corpo desde a primeira infância. Neste momento, a alimentação é algo de extrema relevância. O autor principia pela amamentação, abordando a necessidade de a criança não consumir outro tipo de alimento senão o leite, até ter a idade suficiente para ingerir mais coisas: “Não deve lhe dar mais pão pela manhã e nem a merenda, mesmo que peça, pois ela não irá comer o assado, a

²⁷ A tradução é: Do corpo humano, Da vida e Da morte (Tradução nossa).

²⁸ Os quatro elementos que compõem o corpo humano são: oxigênio, hidrogênio, carbono e nitrogênio.

²⁹ Poc menjar e boure engendra subtil enteniment e suptil materia, e dona gran espay al esperit vital e al alé qui s refreda de la calor; el contrari massa menjar e boure fa grossa materia, ¿ e saps per que? per so car la calor natural no pot coure la vianda que l esperit vital ha mester per los membres, per tal que en ells sia la vertut e la operacio qui si cové, sens lo qual l esperit vital no pot esser en los membres en sa vertut ne en sa forsa.

fruta e as outras coisas no tempo que tiver que comer”³⁰ (Llull, 1986, p. 145, tradução nossa).

Ainda sobre o corpo humano, o filósofo trata a respeito *de la ciencia de Medicina*³¹ que apresenta o funcionamento do corpo. Assim, Llull coloca sobre os três princípios dessa ciência. O filósofo comenta que o primeiro princípio se divide em sete partes: elementos, compleições, humores, membros, virtudes, operações e espírito, enquanto o segundo princípio é dividido em seis partes: respirar; exercitar, isto é, trabalhar e repousar; comer e beber; dormir e despertar; encher e esvaziar. Por sua vez, o último princípio é dos acidentes da alma, sendo ele dividido em outras três partes: doença, ocasião para a doença e acidente.

O filósofo maiorquino completa dizendo ao seu filho que trata de forma breve as questões corpóreas, uma vez que era primordial ter mais tempo para falar sobre Deus. Notemos o trecho a seguir: “Amável filho, poderia te dizer muitas razões naturais do corpo, mas falo brevemente. Sabes por quê? Para que te fale muito de Deus”³² (Llull, 1986, p.166, tradução nossa).

Dessa forma, para Llull, a vida corporal estava relacionada ao modo pelo qual o corpo humano vive. Isto é, o homem precisa cuidar do corpo e da saúde em razão de que é por meio da saúde que a alma e o corpo se harmonizam, e é graças a essa harmonia que o ser humano vive. E se o indivíduo valoriza a vida espiritual, deve amar e temer a Deus, pois é por meio do amor e do temor a Deus que a alma se enche de virtudes e se afasta dos vícios e dos pecados, que são a causa da morte eterna (Llull, 1986).

3.2 A MORTE E A RELAÇÃO DO CORPO E DA ALMA PARA LLULL

Nesta parte da obra, analisamos que Llull discorre sobre o livre-arbítrio³³. As escolhas que os homens realizam durante a vida, determinariam o “destino” da alma.

³⁰ No li ha de donar més pa al matí ni el dinar, encara que ella ho demani, ja que no es menjarà el rostit, la fruita i les altres coses en el temps que hagi de menjar.

³¹ Da Ciência da medicina (Tradução nossa).

³² Amable fill, moltes rahons te poria dir del cors; mas breument men pas: ¿e saps per que? per so car molt he a parlar de Deu.

³³ De acordo com o dicionário Michaelis (2010, p.457), o livre-arbítrio consiste em: “possibilidade de decidir, escolher em função da própria vontade, isenta de qualquer condicionamento, motivo ou causa determinante”.

Por conseguinte, o filósofo apresenta que há três caminhos para isso, consistindo em: o caminho inferior, médio e soberano. O caminho inferior é de pecados, o médio é a vida ativa que a maioria dos homens vivem com a intenção de fazerem o bem pelo amor de Deus. Por fim, o soberano é a vida contemplativa, onde há contemplação a Deus com jejuns, orações, pobreza e contrição, menosprezando este mundo. Percebemos a citação a seguir:

Amável filho, nas atitudes e no tempo é que tu podes ir pelo caminho que desejares. Assim, se o caminho inferior te é amável, lembra como dura pouco a vida deste mundo, como a morte não perdoa os homens jovens, como o homem não vive enquanto dorme, nem enquanto está irado, triste, temeroso, quando está sofrendo, quando está atormentado por doença ou por outra coisa³⁴ (Llull, 1986, p. 168, tradução nossa).

Na cultura cristã, a morte é vista como consequência do pecado, no livro de Romanos 6:23 cita que: “Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor” (Bíblia, Romanos, 6, 23). Logo, a morte tratava-se da vinculação entre o pecado e punição dos erros cometidos na terra. No entanto, sempre devemos compreender que para Llull, a alma “alimentada” com a palavra de Deus era a forma de se salvar.

Ricardo da Costa (2014) cita que na Idade Média, o medo da morte se ampliou com as pregações das ordens mendicantes³⁵, assim, a maioria dos homens deixaram de viver coisas passageiras em prol de viver uma vida eterna. Desse modo, a sociedade buscou se preocupar com a salvação da alma. O estudioso José Caetano nos mostra que:

A morte é um dos fatores primordiais que leva a humanidade a busca constante do mistério da alma, uma perspectiva religiosa que se formula ao longo da existência; pois a alma não pode entrar no “reino dos céus” por outro caminho senão aquele determinado pela religiosidade de cada indivíduo que se conduz pela fé. (Caetano, 2012, p. 30).

³⁴ Fill estimat, en actituds i en temps pots anar com vulguis. Així que si el camí inferior és amable amb tu, recorda com és de curta la vida d'aquest món, com la mort no perdona els homes joves, com l'home no viu mentre dorm, ni mentre està enfadat, trist, temorós, quan està patiment, quan està turmentat per la malaltia o una altra cosa.

³⁵ As ordens mendicantes consistem em um grupo de ordem religiosa que tinha por intuito a evangelização. Os mais conhecidos são os dominicanos e os franciscanos. Para compreender sobre essas ordens, recomendamos a leitura de: **História da civilização** na Europa escrita por François Guizot.

Nesta perspectiva, os indivíduos medievais precisavam formar valores e virtudes para que suas ações focassem no bem comum. Conforme o autor Caetano: “o homem medieval utilizava sua fraqueza, tendo como base o medo da morte, da fome, do purgatório e do inferno, para produzir sua força, desejo e motivação de praticar o ‘bem’ afirmando a cada dia a fé em Deus.” (Caetano, 2012, p.39-40).

Para Llull, a morte corporal era algo natural, porém, havia dois tipos de mortes. O autor nos mostra que: “Por isso, filho, existem duas mortes. Assim, a morte corporal aproxima a alma virtuosa de Deus, que vai para o Paraíso quando o corpo morre. E a morte espiritual que existe na alma pecadora aprisiona o corpo para suportar o eterno fogo infernal, e o submete a infinitos trabalhos ³⁶” (Llull, 1986, p. 168, tradução nossa).

Assim, Llull trata que a morte está relacionada ao Inferno e ao Paraíso. O homem não poderia escapar da morte do corpo, mas seria capaz de salvar a sua alma em prol de servir à Deus, contudo, era preciso que ao longo da vida seguisse a palavra do Senhor. Conforme Llull: “Filho, sabes por que a morte é temível? Porque não podes fugir dela e não sabes quando ela te levará. Assim, se temes a morte, que não pode te matar, mas somente teu corpo, temerás a Deus, filho, que pode colocar teu corpo e tua alma no fogo perdurável”³⁷ (Llull, 1986, p. 170, tradução nossa).

Portanto, a representação do inferno como um lugar de intenso sofrimento foi amplamente difundida na época medieval, com o intuito de transmitir aos indivíduos daquela era que a existência terrena era efêmera e servia apenas como preparação para uma vida plena verdadeira, a ser alcançada no paraíso. Essa fundamentação metafísica permeava todos os aspectos da vida e da educação medieval. Nas descrições sobre o inferno, Llull nos oferece indícios de como ele era concebido pelos homens medievais:

O Inferno está no meio de um lugar que fica dentro do coração da Terra. Tal lugar é trancado e fechado, e ali existe pena por todos os tempos. Esta pena acontece em quatro lugares: o Inferno, onde estão os danados que nunca sairão; o Inferno chamado Purgatório, onde o homem cumpre penitência pelas coisas que não cumpriu neste mundo; o terceiro Inferno, chamado Abraão, lugar onde entraram os profetas que viveram antes do Filho de Deus ser encarnado, e o quarto

³⁶ La mort corporal, qui acosta lanima virtuosa a Deu, la qual va en Paradís con lo cors mor, e la mort espiritual, que es en lanima pecadora e estoge lo cors a sostenir eternament foch infernal e fa esser sotismesa a infinitis trebays.

³⁷ Fill, saps per què la mort és temible? Perquè no pots fugir-ne i no saps quan et portarà. Així doncs, si temes la mort, que no pot matar-te sinó només el teu cos, tindràs por de Déu, fill, que pot posar el teu cos i la teva ànima al foc etern.

Inferno, onde entraram as crianças que não foram batizadas³⁸ (Llull, 1986, p.172, tradução nossa).

Além da visão do inferno como um lugar de sofrimento, a ideia de paraíso como o local de plenitude da alma também era uma constante na mentalidade medieval. De acordo com essa concepção, após a morte, cada indivíduo seria recompensado ou punido de acordo com suas ações na Terra (Le Goff, 2009). Logo, Llull acreditava que os homens que levavam uma vida virtuosa, renunciando aos bens materiais para espalhar o conhecimento divino entre os outros homens, receberiam suas recompensas em uma vida futura. Por outro lado, aqueles que ocupavam posições importantes na Terra, mas não praticavam ações virtuosas, seriam punidos por Deus e destinados ao inferno.

Verificamos que Llull procurou transmitir a seu filho o caminho da bondade, da compaixão e uma vida humilde, para evitar despertar a ira de Deus. Era necessário que ele estivesse pronto quando chegasse o momento imprevisível, preparado para alcançar a salvação de sua alma e receber a sublime recompensa divina aguardada pelos fiéis: o eterno descanso, a presença do Deus trino e dos redimidos.

³⁸ L'infern és al mig d'un lloc que es troba dins del cor Terra. Un lloc així està tancat i tancat, i hi ha llàstima per a tots vegades. Aquest càstig té lloc en quatre llocs: l'infern, on hi ha els condemnats que no marxaran mai; l'infern anomenat purgatori, on l'home fa penitència per les coses que no ha fet en aquest món; el tercer infern, anomenat Abraham, el lloc on els profetes que van viure abans que el Fill de Déu fos encarnat, i el quart infern, on els nens que no ho van fer van ser batejats.

3.3 O ENTENDIMENTO DE ALMA EM RAMON LLULL

Como mencionamos anteriormente, o homem é construído pela matéria (corpo) e pela forma (alma), isto é, segundo o filósofo, o corpo seria o templo da alma. No entanto, o que seria a alma para Llull? Em *Doctrina Pueril*, Llull expõe que a alma é a substância espiritual racional que forma o corpo humano, possuindo três poderes: a memória³⁹, o entendimento⁴⁰ e a vontade⁴¹.

Esses três poderes são interligados, sendo elementos que educam os homens, conduzindo para a salvação. Portanto, através da memória, o homem deve lembrar das ações boas, entendendo que essa é a vontade de Deus e assim o entendimento seja exaltado. Em um trecho da obra *Felix- O livro das maravilhas* Llull disserta sobre esses três poderes:

Um santo religioso estava em oração quando o demônio o tentou com a luxúria. Aquele santo homem se lembrava de uma senhora muito bela que se confessara com ele do pecado da luxúria. Ele sentiu o aquecimento de sua carne ao lembrar as palavras que a senhora lhe dissera. A vontade daquele religioso teve prazer com aquilo que a memória relembrava, até que o entendimento teve consciência daquela lembrança, daquela vontade e daquele calor. Pela grande consciência do entendimento, a vontade se transformou em desamor e a memória esqueceu os prazeres da luxúria. Assim, o santo homem conheceu a maneira pela qual o entendimento fala espiritualmente com a memória e a vontade, mesmo que o entendimento, a memória e a vontade não possuam boca, língua, nem movam ar (Llull, 2010, p. 113).

Podemos observar que quando Llull trata sobre o entendimento, ele expõe a questão da tentação do homem. O filósofo comenta que: “A tentação é a prova pela

³⁹ Possibilidade de dispor *cios* conhecimentos passados. Por conhecimentos passados é preciso entender os conhecimentos que, de qualquer modo, já estiveram disponíveis, e não já simplesmente conhecimentos *cios* passado. O conhecimento do passado também pode ter formação nova: p. ex., dispomos agora de informações acerca do passado de nosso planeta ou de nosso universo que não são recordações. Conhecimento passado também não é simplesmente marca, vestígio, pois estas são coisas presentes, não passadas. A tristeza ou a imperfeição física causadas por um acidente não são a M. desse acidente, apesar de serem vestígios dele, ao passo que a recordação pode estar disponível e pronta, sem precisar da ajuda de nenhum vestígio, como no caso da fórmula para o matemático e, em geral, das lembranças decorrentes da formação ou de hábitos profissionais (ABBAGNANO, 2007. p. 657-658).

⁴⁰ É uma das duas fontes de conhecimento, juntamente com a sensibilidade, sendo a faculdade de pensar o objeto (ABBAGNANO, 2007. p. 491).

⁴¹ Esse termo foi usado com dois significados fundamentais: 1" como princípio racional da ação; 2" como princípio da ação em geral. Ambos os significados, porém, pertencem à filosofia tradicional e à psicologia oitocentista, porque ligados à noção de faculdade, ou poderes originários da alma que se combinaram para produzir as manifestações do homem (ABBAGNANO, 2007. p. 1018).

qual o entendimento se certifica”⁴² (Llull, 1896, p.174, tradução nossa). A partir disso, consideramos que em suas relações sociais e pela visão, os homens transpassam por ocasiões que levam a tentação, no entanto, o entendimento proporciona compreender as situações e agir conforme a vontade de Deus.

[...] entendem aquelas coisas acima da natureza, como os milagres, a criação e a ressurreição, e outras coisas semelhantes a essas. Além disso, o homem que tem os olhos fechados e não ouve nada, entende ou pode entender. Portanto, o entender é de outra natureza, mais elevada que aquela do corpo, e a chamamos de alma racional (Llull, 1950, p.310).

Por meio da citação acima, vemos que Llull coloca que o ser humano é um animal racional, composto de corpo e alma, dotado de cinco capacidades: vegetativa, sensorial, imaginativa, motora e racional. Sendo único entre os seres vivos por possuir todas essas características, a capacidade sensorial está sujeita à influência da imaginativa, enquanto a capacidade racional age após a imaginação para julgar as coisas concebidas. A razão desempenha um papel dominante, governando todas as outras faculdades (Llull, 1986, p. 73).

Percebemos grande ligação entre o pensamento de Llull e Aristóteles, que também discorre que a alma é composta por três faculdades, sendo a alma nutritiva, a alma sensitiva e a alma intelectiva. A alma nutritiva consiste na capacidade de se nutrir e está presente em todos os seres vivos, sendo a base fundamental da vida para aqueles que a possuem. Essa faculdade da alma é fundamental para alimentação, desenvolvimento, reprodução e o envelhecimento dos seres vivos, pois ela é a primeira e a mais comum entre as potências da alma.

A alma sensitiva é a faculdade dos sentidos, os quais são divididos em cinco: visão, audição, olfato, paladar e tato. Desse modo, sabe-se que os vegetais não são contemplados com esses sentidos, pois a potência dos sentidos existe como manifestação da vida, existindo de vários modos nos diferentes animais.

A alma intelectiva consiste em ser a parte mais elevada do homem, pois o diferencia dos outros animais devido a capacidade de pensar e entender questões fundamentais da vida. Vejamos a citação a seguir:

⁴² La temptació és la prova per la qual s'assegura la comprensió.

Ora, se a função do homem é uma atividade da alma que segue ou que implica um princípio racional, e se dizemos que "um tal-e-tal" e "um bom tal-e-tal" têm uma função que é a mesma em espécie (por exemplo, um tocador de lira e um bom tocador de lira, e assim em todos os casos a função de um tocador de lira é tocar lira, e a de um bom tocador de lira é fazê-lo bem); se realmente assim é e afirmamos ser a função do homem uma certa espécie de vida, e esta vida uma **atividade ou ações da alma que implicam um princípio racional; e acrescentamos que a função de um bom homem é uma boa e nobre realização das mesmas; e se qualquer ação é bem realizada quando está de acordo com a excelência que lhe é própria; se realmente assim é, o bem do homem nos aparece como uma atividade da alma em consonância com a virtude, e, se há mais de uma virtude, com a melhor e mais completa** (Aristóteles, 2009, p. 11, grifos nossos).

Llull e Aristóteles também concordam no que tange à felicidade humana como uma atividade da alma. Ele acreditava possuir duas facetas, uma racional e outra irracional (a natureza vital dos seres vivos, responsáveis pela nutrição e crescimento), enfatizada no pensamento de Llull como "alma vegetativa". Com essa base de pensamento, Aristóteles classificava as virtudes em éticas, adquiridas pelo homem como resultado de suas ações, de seus hábitos, e que, portanto, não nascem com ele, pois não poderiam ser modificadas por costumes.

As virtudes intelectuais ligadas ao desenvolvimento da aprendizagem dependem das experiências pelas quais cada indivíduo passa e quais as aprendizagens que com elas adquire. Segundo Aristóteles, o objetivo do homem era alcançar a felicidade e para alcançá-la seria necessário viver racionalmente, e viver racionalmente significaria viver virtuosamente.

Nesta perspectiva, este pensamento nos leva a destacar: Por que a alma existe? O primeiro ponto que Llull coloca sobre a existência da alma é:

[...] lembrar, entender e amar a Deus, pois o mais nobre fim que ela pode ter é contemplar a Deus. Por isso, Deus criou a alma para Si mesmo, para seu mais nobre fim, pois se a tivesse criado principalmente para si mesma, teria cometido um erro a Si mesmo, e a alma teria maior repouso e bem-aventurança contemplando a si mesma, não a Deus, e tal coisa é impossível (Llull, 2010, p.79).

Além do mais, na obra *O livro da alma racional* (1296) Llull aponta também que a alma existe para que o ser humano viva, para que floresçam as virtudes, o saber, a sabedoria e as habilidades práticas com as quais o ser humano torna o mundo mais

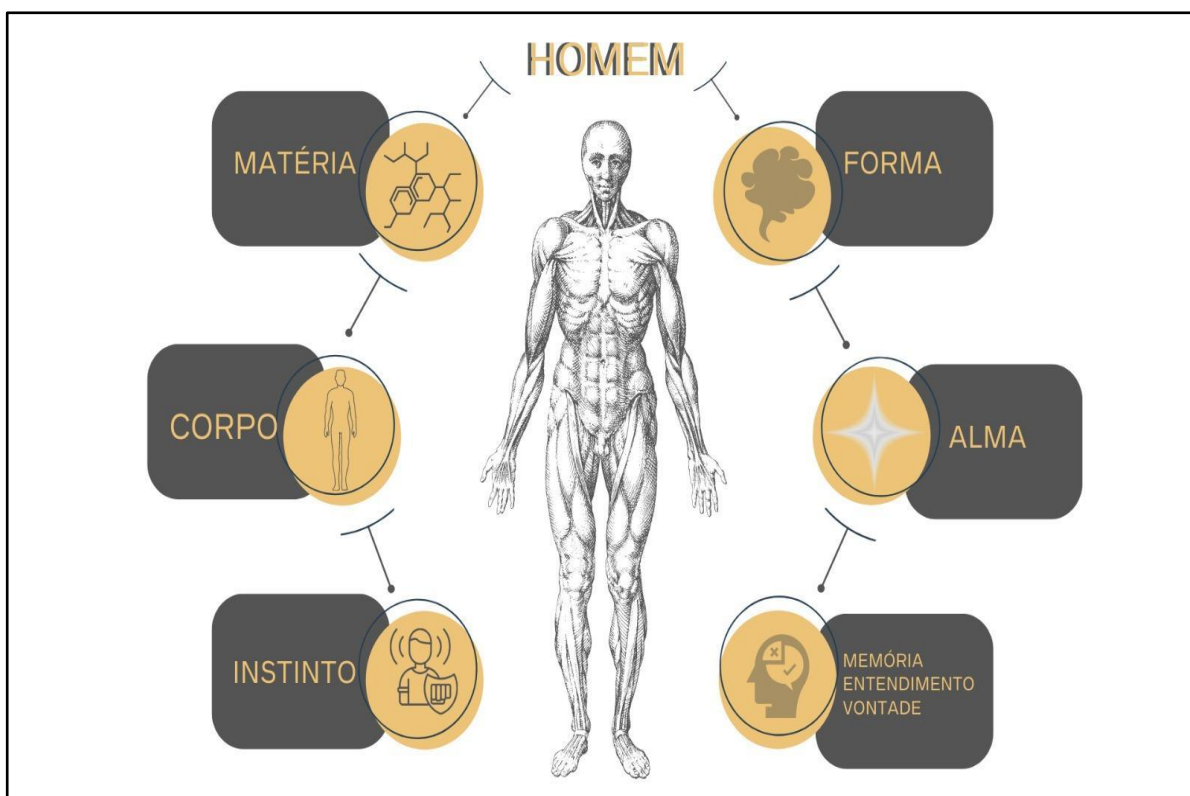
humano. E apesar dessa benevolência divina para com a harmonia do universo, a essência pode errar, até porque não há erro involuntário, uma vez que só erra aquele que o faz conscientemente, pois a vontade é uma das faculdades da essência. Ou seja, se a essência não pudesse errar, o ser humano não poderia escolher livremente seguir a Deus, não teria livre-arbítrio, e a justiça divina seria inútil, o que é impossível (Costa, 2010, p. 18).

Com base nas colocações de Llull, ponderamos que é por meio da alma que o homem adquire virtudes ou vícios. Ao examinar as diversas criações do autor, podemos deduzir que, apesar de crer na contribuição da luta armada para a busca da conversão, sua principal e mais significativa colaboração era o diálogo, a batalha espiritual, pois, para Llull, o ser humano deveria encontrar Deus e compreender suas virtudes para amá-lo espontaneamente, sem recorrer à força, pois corria-se o risco de que a conversão não fosse genuína. Vejamos a citação abaixo:

A conversão deveria ser um ato voluntário, um ato de liberdade. Por isso, a conquista das almas seria feita com armas espirituais, as mesmas armas que há centenas de anos foram utilizadas por Cristo e pelos apóstolos, e que converteram milhares de pessoas pela persuasão (Ventorim, 2008, p. 119).

Diante o exposto, trazemos uma figura, cujo objetivo é sistematizar como Llull tratava sobre a questão corpo e da alma:

Figura 7- Representação de corpo e alma para Llull



Fonte: Autora, 2023.⁴³

Por meio da figura acima, observamos que para Lull o corpo está ligado ao instinto do homem e a alma seria um instrumento que educaria o homem para que o mesmo conhecesse a palavra e o amor de Deus, assim atingindo a plenitude da vida. Á vista disso, em *Doctrina Pueril*, o filósofo discorre que a alma deve ser educada.

Amável filho, ao homem deve ser muito caro seu filho. Por isso, o homem não deve ser negligente com seu filho para que veja e perceba em qual educação ele se habitua e se inclina, pois através da educação do corpo, a educação da alma é habituada, e através da educação da alma, a educação do corpo é também acostumada⁴⁴ (Lull, 1986, p. 134, tradução nossa).

Nesse viés, na próxima seção trataremos, a importância do corpo e da alma para o desenvolvimento do intelecto, averiguando algumas virtudes necessárias para a educação homem.

⁴³ Destaca-se que para a elaboração dessa figura foram utilizadas as imagens do Canva.

⁴⁴ Fill amable, un home ha de ser molt estimat pel seu fill. Per tant, un home no ha de ser negligent amb el seu fill perquè vegi i percebi a quina educació s'acostuma i s'inclina, perquè mitjançant l'educació del cos s'acostuma l'educació de l'ànima, i mitjançant l'educació de l'ànima, la l'educació del cos també està acostumada.

4 A EDUCAÇÃO LULIANA E O USO DO INTELLECTO PARA A FORMAÇÃO HUMANA

A perspectiva luliana, nos mostra que o propósito principal era moldar o caráter espiritual do homem e guiá-lo para compreender as maneiras através das quais, independentemente de suas diferenças individuais, eles poderiam considerar a possibilidade de ocupar um lugar abençoado após a morte. A responsabilidade do educador era direcionar os alunos no caminho do conhecimento, cujo objetivo primordial era a plena prática das virtudes.

Esse entendimento se alinhava com a maior aspiração dos seres humanos na concepção medieval de pensamento: conhecer a Deus e, por meio Dele, considerado o supremo dos mestres, alcançar a sabedoria pela qual os indivíduos poderiam contemplar a salvação.

Assim, na última seção desta dissertação, debatemos acerca da educação luliana, destacando a influência do corpo e da alma para desenvolvimento do intelecto. Desse modo, Llull discorre que a educação estava relacionada à salvação, sendo essencial que o homem desenvolva sete virtudes: Fé, Esperança, Caridade, Justiça,

Prudência, Fortaleza e Temperança, tendo como base as obras *Doctrina Pueril* e o Livro do Anticristo.

4.1 A IMPORTÂNCIA DO CORPO E DA ALMA PARA O DESENVOLVIMENTO DO INTELECTO

Como apresentamos na seção anterior, Llull tinha uma visão precisa sobre a relação entre corpo e alma. Ele acreditava na importância de harmonizar corpo e alma para alcançar a virtude e a salvação espiritual. Llull via o corpo como uma ferramenta que poderia ser utilizada para aprimorar a alma. O filósofo enfatizava a necessidade de disciplinar o corpo por meio de práticas ascéticas⁴⁵ e devoção espiritual, a fim de purificar a alma e aproximá-la de Deus. Para Llull, a união equilibrada entre corpo e alma era essencial para a busca da verdade e a realização do propósito divino na vida humana.

Em sua obra *Doctrina Pueril*, Llull trata que: “A educação é acostumar o outro ao hábito mais próprio à obra natural. Pois assim como a natureza segue seu corpo e não se desvia de sua obra, as crianças, no princípio, se acostumam à boa educação ou à má”⁴⁶ (Llull, 1989, p. 67, tradução nossa).

Nesta perspectiva, o autor enfatiza a necessidade de iniciar a educação das crianças desde cedo, pois seus comportamentos são moldados pelos pais. A família desempenha um papel fundamental, pois as crianças se adaptam ao que consideram “natural” com base nas ações dos pais. Além disso, o autor argumenta que a educação abrange tanto o corpo quanto a alma, ocorrendo por meio de hábitos e ensinamentos dos pais. A educação corpórea se baseia nos sentidos, enquanto a educação da alma envolve aspectos invisíveis do intelecto, como memória, entendimento e vontade (Costa, 2010).

⁴⁵ É uma filosofia de vida na qual se realizam certas práticas visando ao desenvolvimento espiritual (Abbagnano, 2007).

⁴⁶ L'educació és acostumar l'altre a l'hàbit més adequat al treball natural. Perquè tal com segueix la natura el seu cos i no s'allunya de la seva feina, els nens, al principi, s'acostumen a una bona educació o a una dolenta.

Essas duas formas de educação estão intrinsecamente ligadas, pois o homem é um todo indivisível. Portanto, educar o corpo também implica educar a alma, e vice-versa. O autor sustenta que a educação é única nas duas formas, pois ao educar o corpo, a alma também aprende, e ao educar a alma, o corpo também absorve conhecimento. Essa interconexão entre corpo e alma é fundamental para o desenvolvimento saudável da criança, que, desde cedo, molda seu comportamento com base nas virtudes e ações observadas em sua família.

Desse modo, a educação para Llull estava relacionada à salvação, sendo que a salvação dos homens dependia de suas condutas em vida, sendo está uma oportunidade para provar seu merecimento. Suas ações ao longo da vida determinariam se seriam salvos ou condenados.

Para alcançar a salvação, os homens medievais precisavam evitar vícios e praticar virtudes, com pregações e viagens ao além servindo como meios de mostrar as consequências das escolhas. O filósofo catalão medieval, também compartilhava essa preocupação com a formação humana, buscando orientar e educar as pessoas em direção à salvação, um ideal fundamental na cultura medieval cristã (Costa, 2010).

Entendemos que, para Llull, o princípio da educação era a fé e a obediência nos ensinamentos sagrados, haja vista que, não seguir a Deus tornaria a vida insignificante. Llull também relata que por meio da sabedoria divina ocorria o desenvolvimento do intelecto. No entanto, a inteligência também seria desenvolvida por meio de uma construção da educação fundamentada nas ciências, ou seja, para o autor a formação humana é realizada pela razão vinculada à fé, expondo o princípio intelectual de sua proposta educacional. Em seu livro, ele acentua a importância das Sete Artes Liberais para o desenvolvimento intelectual.

Lull ainda acrescenta a importância da Teologia, esta, para ele, era a ciência mais nobre, visto que é a ciência que fala diretamente de Deus. O autor ressalta “Filho, essa ciência existe de três maneiras: a primeira é quando o homem tem conhecimento de Deus; a segunda é quando o homem tem conhecimento das obras Dele; e a terceira é se tem conhecimento dessas coisas para ir a Deus⁴⁷” (Llull, 1989, p. 60, tradução nossa).

⁴⁷ Fill, aquesta ciència existeix de tres maneres: la primera és quan l'home té coneixement de Déu; el segon és quan l'home té coneixement de les seves obres; i el tercer és si tens coneixement d'aquestes coses per anar a Déu

Porém, mesmo colocando a Teologia como a ciência mais nobre, Llull também considerava as demais ciências para o desenvolvimento humano, em razão da execução de ofícios. Llull afirma que “A Teologia é fundada pela fé e encontra-se nas palavras dos santos homens que escreveram e disseram palavras de Deus e de Suas obras, e o homem deve crer em tais palavras para que as tenha na memória, no amor de Deus e de Suas obras”⁴⁸ (Llull, 1989, p.60, tradução nossa).

O estudo das ciências, segundo Llull, era a base para a realização de um ofício, denominado por ele como “Das Artes Mecânicas”. De acordo com Llull “A arte mecânica é ciência lucrativa manual para dar sustentação à vida corporal. Nessa ciência estão os mestres, isto é os lavradores, os ferreiros, os marceneiros, os sapateiros, os mercadores e os outros ofícios semelhantes a esses”⁴⁹ (Llull, 1989, p. 65, tradução nossa).

Nesse sentido, o autor coloca que por meio dessas ciências os indivíduos iriam trabalhar corporalmente para adquirir condições para viver e que em qualquer lugar da Terra poderiam desenvolver tais atividades, pois as ciências fornecem subsídios para as aptidões. Segundo Llull:

Muitos homens desejariam saber algum ofício com o qual pudessem viver quando tivessem gastado o seu dinheiro, e muitos homens seriam sábios se tivessem do que viver e muitos viveriam de seu ofício se soubessem procurá-lo, e tais homens mostram aos seus filhos como gastar quando seria melhor que lhes mostrassem algum ofício⁵⁰ (Llull, 2010, p.66, tradução nossa).

Vale frisar que há outros pensadores do período de Llull que tratam da questão da vinculação da razão e da fé, como por exemplo, São Tomás de Aquino, teólogo e filósofo do século XIII. O pensamento tomista tem por princípio a fé, conciliando criticamente a fé com a razão para a aquisição do conhecimento, sendo que essa

⁴⁸ La teologia es basa en la fe i es troba en les paraules dels homes sants que van escriure i pronunciar les paraules de Déu i les seves obres, i l'home ha de creure aquestes paraules per tenir-les en la seva memòria, en l'amor de Déu i les seves obres.

⁴⁹ L'art mecànic és una ciència manual rendible per mantenir la vida corporal. En aquesta ciència hi ha els mestres, és a dir, pagesos, ferrers, fusters, sabaters, comerciants i altres oficis semblants a aquests.

⁵⁰ Molts homes voldrien conèixer algun ofici amb el qual podrien viure quan haguessin gastat els seus diners, i molts homes serien savis si el tinguessin per viure i molts viurien del seu ofici si sabien buscar-lo, i tal els homes mostren als seus fills com gastar quan seria millor que els ensenyessin alguna manualitat

junção levaria o homem para o saber de uma verdade total. Em sua obra *Suma Teologia*, o mesmo disserta que:

[...] para que a inteligência humana adira perfeitamente à verdade da fé, duas condições se exigem. Uma, compreender bem o objeto proposto; o que compete ao dom da inteligência, como acima foi dito. Outra, ter juízo certo e reto do objeto proposto, discernido o que deve ou não deve crer. (Aquino, 2003, p. 145).

Neste aspecto de conciliação de fé e de razão, Aquino coloca que o homem necessita da fé e da razão para a obtenção do conhecimento dos objetos, pois a fé seria a base para a razão. Em suas palavras: “Ora, o bem do homem consiste em viver conforme a razão, como Dionísio. Portanto, a virtude humana é a que inclina ao que está de acordo com a razão” (Aquino, 2003, p. 188). Salieta-se que o filósofo foi um dos mais importantes nomes da escolástica.

A educação tratada por Llull e Tomás de Aquino tinha por princípio a fé em Cristo, pois, segundo os autores, a educação proporcionava o desenvolvimento de virtudes e valores necessários para a preocupação com o meio social

4.2 DAS SETES VIRTUDES PARA A SALVAÇÃO

Conforme descrito em *Doctrina Pueril*, os valores a serem cultivados constantemente pelos indivíduos medievais com o propósito de atingirem a redenção de suas almas são: fé, esperança, caridade, justiça, prudência, fortaleza e temperança. Com as três primeiras sendo os valores teológicos e as quatro últimas os valores cardinais⁵¹ (Llull, 1989). Olhemos a citação a seguir:

Amável filho, a vontade de Deus é maior que a tua. Por isso, convém que Deus ame mais fortemente a tua salvação que ti. Assim, Sua vontade convém com Seu poder, que pode dar salvação a quem deseja. E como tua vontade não tem poder para dar a salvação a ti ou a outro, se Deus não amasse mais a tua salvação que ti, seria menor em querer que em poder, e isso não é verdade⁵² (Llull, 1989, p. 87, tradução nossa).

⁵¹ De acordo com Llull (1989), as virtudes teológicas seriam essenciais a todos os homens independente de seu estamento, enquanto as cardeais eram atribuídas, com maior ou menor importância, dependendo da ordem social à qual pertenciam os indivíduos.

⁵² Estimat fill, la voluntat de Déu és més gran que la teva. Per tant, Déu ha d'estimar la teva salvació amb més força que tu. Així, la seva voluntat coincideix amb el seu poder, que pot donar la salvació a qui vulgui. I com que la teva voluntat no té poder per donar la salvació a tu ni a un altre, si Déu no estimés la teva salvació més que tu, seria menys en voluntat que en poder, i això no és cert.

Destacamos que a virtude era considerada a qualidade que tornava uma pessoa admirável, melhorando seu intelecto e moral. De acordo com a filosofia aristotélica, especialmente cristianizada por Tomás de Aquino, a virtude desempenhava um papel fundamental na formação de um indivíduo. Na Idade Média, a noção de homem bom e virtuoso assumia conotações cristãs, representando aqueles que, através da prática das virtudes, buscavam se tornar bons cristãos. Eles se esforçavam continuamente para viver em perfeição tanto no aspecto carnal quanto espiritual, visando alcançar a santidade, o que, por sua vez, os levaria à salvação (Costa, 2010, p.45).

Na obra *Félix- O Livro das Maravilhas* de Llull encontramos vícios e virtudes que se antagonizam, sendo cada uma das excelências a força que conduz o homem a combater uma imperfeição específica. No entanto, Llull não segue o conjunto tradicional de treze imperfeições e treze excelências, ao invés disso, ele utiliza treze imperfeições e treze excelências, indo além dos sete defeitos e sete virtudes geralmente empregados na Idade Média (Costa, 2010).

O sistema lulliano contrapõe essas treze imperfeições e treze excelências, sem, contudo, ignorar o sistema das virtudes cardeais e teologais e dos sete pecados capitais. Analisamos a contraposição das imperfeições e excelências na referida obra, conforme a tabela abaixo:

Tabela 3-Virtudes e vícios

VIRTUDE	VÍCIO
Fé	Descrença
Esperança	Desesperança
Caridade	Crueldade
Justiça	Injúria
Sabedoria	Loucura
Fortaleza	Fraqueza

Temperança	Gula
Largueza	Avareza
Castidade	Luxúria
Diligência	Acídia
Humildade	Orgulho
Continência	Inveja
Paciência	Ira

Fonte: COSTA, Ricardo. *Félix, ou o livro das maravilhas*, 2009. p. 23.

Percebemos que os hábitos evidenciados em *Félix- O Livro das Maravilhas* não adere estritamente à lógica septenária mais prevalente na Idade Média. No entanto, os sete pecados capitais estão entre os maus costumes discutidos pelo filósofo na obra (Costa, 2010, p. 34).

Desse modo, os maus hábitos e virtudes em oposição têm como finalidade auxiliar as pessoas a fortalecer as virtudes necessárias para combater cada vício. Isso desempenha um papel educativo, transmitindo o conhecimento sobre como superar ações que levariam ao pecado.

Em *Doctrina Pueril*, Llull segue estritamente a divisão septenária, explicando ao seu filho o que são e como evitar cada um dos maus hábitos. Logo, concentramos a análise na lógica dualista, dando ênfase às virtudes necessárias para a salvação do homem, a fim de compreender as ações que o filósofo considera ideais para superar os maus hábitos e preservar a pureza do corpo e da alma, assim desenvolvendo o intelecto.

4.2.1 Fé

Segundo Llull, a Fé era uma das maiores virtudes que o homem poderia ter em razão de que é por meio dela que poderiam acreditar na Unidade e Trindade de Deus, na Encarnação de Deus, nos mandamentos da Santa Fé Católica.

Llull prioriza a fé sobre o entendimento racional, alinhando-se com pensadores como Tomás de Aquino, que tentavam racionalizar os dogmas da fé. O filósofo argumenta que a fé permite ver a Deus diretamente, enquanto o entendimento requer

demonstrações intermediárias. Portanto, ele enfatiza que a salvação depende principalmente do exercício da fé. Na obra *Doctrina Pueril*, Lull discorre que:

Neste mundo, a fé sobrepuja o entendimento, pois através da fé o homem pode mais amar a Deus do que pelo entendimento lembrar de Deus. A fé vê Deus sem intermediário, e o entendimento não pode se elevar a Deus sem a demonstração de outras coisas. A fé conserva o entendimento em um tempo e o que o entendimento entende em outro tempo, e através da fé entenderás no outro século, quando lá estiveres, o que agora não podes entender. E assim como a verdade não pode ser mensurada por nada, se amas a fé que tens, ela não pode ser mensurada por nada⁵³ (Lull, 1989, p. 89, tradução nossa).

Por meio da citação acima, verificamos que a fé supera o entendimento, pois através da fé, o homem pode amar a Deus mais intensamente do que simplesmente lembrar Dele por meio do entendimento. A fé permite uma visão direta de Deus, sem a necessidade de intermediários, enquanto o entendimento requer evidências e raciocínio para alcançar a compreensão divina.

A fé transcende as limitações do tempo, permitindo a compreensão de coisas que não podem ser entendidas. Além disso, assim como a verdade não pode ser medida, a fé genuína também é imensurável e inabalável, demonstrando assim que a fé é uma das virtudes mais importantes.

4.2.2 Esperança

Para Lull, a esperança “Deus deu ao homem a esperança para que, fazendo boas obras, tenha esperança na justiça de Deus⁵⁴”. Com essa citação, fica evidente que para Lull, a salvação não depende apenas do exercício da fé católica, mas também das boas obras realizadas pelos homens. Dentro de uma perspectiva educacional com foco na salvação, Lull busca orientar o mundo de acordo com a doutrina cristã.

⁵³ En aquest món, la fe supera l'enteniment, perquè a través de la fe l'home pot estimar Déu més que amb l'enteniment recordar Déu. La fe veu Déu sense intermediari, i l'enteniment no pot elevar-se a Déu sense la demostració d'altres coses. La fe conserva l'enteniment en un moment i el que l'enteniment entén en un altre moment, i a través de la fe entindràs al segle següent, quan hi siguis, allò que ara no pots entendre. I així com la veritat no es pot mesurar per res, si estimes la fe que tens, no es pot mesurar per res.

⁵⁴ Déu va donar a l'home esperança perquè fent el bé obres, espera en la justícia de Déu.

Na obra *o Livro do Anticristo*, Llull destaca um exemplo que ilustra como um homem pode se redimir da falta de esperança e do pecado, enfatizando a importância da fé aliada às boas ações como caminho para a salvação.

[...] um homem era muito pecador, porque todos os sete pecados mortais estavam nele. Um dia aconteceu dele considerar seu pecado e entender que era muito pecador. Enquanto assim considerava, ele se desesperou da misericórdia de Deus e disse a si mesmo que era tão pecador que a misericórdia de Deus não poderia perdô-lo, nem devia. Muito se maravilhou consigo mesmo por se desesperar da misericórdia de Deus, que é maior que seu pecado. Estando em tal maravilha, ele, em divina graça, entendeu que se desesperava porque amava o pecado no qual estava, pois, o pecado e o amor o pecado têm concordância. Então aquele homem desafiou o pecado e prontamente foi filho da esperança e se confiou à misericórdia de Deus. Quando esse homem se libertou da servidão da desesperança e colocou-se na guarda da esperança, sentiu uma imensa alegria em seu coração, e maravilhou-se como o homem que está em pecado pode acreditar que seja salvo (LLULL, 2002, p. 19).

Com a citação acima, analisamos que Llull adverte sobre o homem que permanece em pecado e confia na esperança de Deus. Ele destaca que as virtudes apresentadas por Llull têm origem divina e são refletidas no homem, pois este foi criado à imagem e semelhança de Deus. Logo, o autor contrasta a esperança daqueles que vivem em pecado com a salvação, sugerindo que essa esperança é enganosa, uma vez que não pode se opor à justiça de Deus.

4.2.3 Caridade

Llull define caridade como: “A caridade é amar a Deus e a teu próximo, a qual atenua os graves trabalhos e perigos que vêm pelo amor. E a caridade fortalece e multiplica a nobreza da coragem contra os inimigos do amor e do valor⁵⁵” (Llull, 1989, p. 88, tradução nossa).

Em *Doctrina Pueril*, Llull fala que caridade é uma virtude que traz prazer tanto nas situações boas quanto nas más que o homem enfrenta por amor. Ela eleva a

⁵⁵ La caritat és estimar Déu i el proïsme, que mitiga les obres greus i els perills que provenen de l'amor. I la caritat enforteix i multiplica la noblesa del coratge contra els enemics de l'amor i del valor.

vontade de buscar coisas grandiosas, une o homem a Deus, obtém o perdão divino para erros graves e proporciona consolo em momentos difíceis.

Ter caridade no coração é fundamental para se aproximar de Deus, pois Ele não habita em corações desprovidos de caridade. Quanto mais caridade se tem, mais próxima se está de Deus. Este mundo é um lugar para cultivar a caridade e o amor, e quanto mais caridade e amor se desenvolvem aqui, maior será a glória no próximo século, pois Deus concede maior glória àqueles que o amam e são amados por Ele.

Além do mais, a caridade seria assim uma virtude essencial para vida na sociedade citadina, pois reafirmaria as relações de “parentesco espiritual” que deveriam ser praticadas pelos homens medievais a fim de que a sociedade caminhasse harmonicamente em direção à salvação (Costa, 2010).

4.2.4 Justiça

Quando Llull discorre sobre a justiça, ele afirma que: “A justiça é restituir a cada um o que é seu direito⁵⁶” (Llull, 1989, p.89, tradução nossa). Assim, esta virtude está ligada as escolhas e consequências das ações dos homens. O filósofo disserta que:

Se a justiça divina castiga teu corpo, a ti e a teus bens e tu o amas, maior amor lhe tens que se amas a justiça de Deus porque castiga teu inimigo em sua pessoa e em seus bens. E quanto mais amas a Deus em Sua justiça, mais amas a misericórdia, que é Deus. E tanto como a misericórdia de Deus mais é amada por ti, tanto mais tua culpa e tua falta são perdoados⁵⁷.

[...]

A justiça e a ciência se convêm, e quem julga sem saber é como o homem cego que caminha pelas trevas. Assim, se tu desejas usar a justiça retamente, adequa tua vontade entre tua lembrança e teu entender, pois pela maior vontade, o entendimento se transforma para entender, e tal transformação convém com a ignorância, que não convém com a justiça⁵⁸ (Llull, 1989, p. 90-91, tradução nossa).

⁵⁶ La justícia és restituir a cadascú el que és el seu dret.

⁵⁷ Si la justícia divina castiga el teu cos, tu i els teus béns i l'estimes, més amor li tens que si estimes la justícia de Déu perquè castiga el teu enemic en la seva persona i en els seus béns. I com més estimeu Déu en la seva justícia, més estimeu la misericòrdia, que és Déu. I com més t'estimes la misericòrdia de Déu, més et perdonaran la teva culpa i la teva culpa.

⁵⁸ La justícia i la ciència coincideixen, i qui jutja sense saber és com un cec que camina per la foscor. Així, doncs, si voleu fer servir la justícia correctament, s'ajusta a la vostra voluntat entre la vostra memòria i la vostra comprensió, per a voluntat més gran, l'enteniment es transforma per comprendre, i aquesta transformació correspon a la ignorància, que no convé a la justícia.

Vemos, por meio das citações acima, que o caminho da salvação é uma escolha pessoal, destacando a liberdade do homem para fazer essa escolha. Em sua escrita sobre virtudes, ele lembra a seu filho das recompensas e consequências de optar pelo caminho da salvação ou da danação. Llull incentiva seu filho a não perder tempo com assuntos passageiros, mas a se preparar para a salvação em Deus por meio de Cristo Jesus, enfatizando a importância de uma busca espiritual significativa.

Observamos que quando se fala em justiça, Llull trata sobre o livre-arbítrio, pois, a justiça, que é uma virtude divina, seria exercitada pelos homens por meio da contenção dos vícios, a fim de que estes, mantendo-se puros alcançassem a salvação no pós-morte.

4.2.5 Prudência

Para Llull, a prudência é a capacidade de escolher o maior bem ou o menor mal, considerando tempo, lugar, quantidade e qualidade. Ela envolve dissimular para preservar segredos, unir quando outros separam e separar quando não há quem faça isso. A prudência abrange tanto este mundo quanto o próximo. Ser enganado é compatível com a prudência quando misturado com paciência e perdão.

A prudência se encontra entre a sabedoria (amor pelo bem e ódio pelo mal) e a ciência (conhecimento do bem e do mal). Portanto, a prudência combina sabedoria e ciência, sendo inseparável delas.

A verdadeira prudência reside em amar mais ser amado por Deus do que ser amado por riquezas materiais, castelos, cidades e poder. Se alguém valoriza mais esses bens temporais do que Deus, possui conhecimento (ciência) sem verdadeira prudência, pois contraria a sabedoria. Em resumo, a prudência envolve escolher sabiamente em conformidade com o amor a Deus e o bem supremo.

4.2.6 Fortaleza

Na obra Iuliana, a fortaleza está associada ao poder da alma de afastar o pecado do corpo. Llull descreve essa virtude como a força da coragem que reforça os poderes espirituais da alma e fortalece a alma, vivificando a força corporal. Assim, a

fortaleza é vista como uma arma dos homens contra sua fraqueza natural que tende ao pecado, o filósofo coloca que. Na citação a seguir, fica clara essa questão:

Amável filho, se desejas ser forte contra a batalha de tua carne, do mundo e do diabo, tenhas fortaleza em tua coragem, pois a fortaleza é uma virtude tão nobre que vence e se apodera de todas as batalhas, e a fortaleza não está em nada que é vencido e apoderado espiritualmente⁵⁹ (Llull, 1989, p. 96, tradução nossa).

Destacamos que Llull na concepção cristã medieval, o homem é herdeiro do pecado original, herdado da queda de Adão e Eva, o que gera a tendência natural de pecar. Isso leva os homens a viverem continuamente a batalha entre o bem e o mal (Costa, 2010).

Em resumo, a fortaleza é vista como a virtude que, quando exercida de forma contínua, capacita o homem a resistir aos prazeres corporais ligados aos vícios e ao pecado, mantendo o corpo puro e guiando a alma humana em direção à salvação. Na perspectiva lulliana, negligenciar a fortaleza, ou seja, o poder corporal contra os vícios, levaria o homem a um estado constante de decadência.

4.2.7 Temperança

A temperança, de acordo com Llull, seria a virtude pela qual os seres humanos harmonizariam seus desejos com suas necessidades, reduzindo os excessos, particularmente associados, na visão do autor, à moderação na indulgência alimentar. Nesse viés, para praticar plenamente a temperança, o ser humano deveria recordar, compreender e cultivar essa virtude, por meio da qual a fé seria fortalecida. Vejamos a citação:

Lembrar e entender muito torna a vontade temperada, e lembrar e desejar muito, mas pouco entender, mortificam o entendimento e exaltam a fé e a crença. Assim, se desejas ter a vontade temperada para entenderes, torna a fé igual ao querer, amando ou odiando o lembrar e o entender⁶⁰ (Llull, 1989, p.98, tradução nossa).

⁵⁹ Estimat fill, si vols ser fort contra la batalla de la teva carn, el món i el dimoni, tingues força en el teu coratge, perquè la fortalesa és una virtut tan noble que guanya i s'apodera de totes les batalles, i la fortalesa no està en res que sigui conquerit i apoderat espiritualment.

⁶⁰ Recordar i entendre molt tempera la voluntat, i recordar i desitjar molt, però entendre poc, mortifica l'enteniment i exalta la fe i la creença. Així, doncs, si voleu tenir la voluntat temperada per comprendre, feu que la fe sigui igual a voler, estimar o odiar recordar i comprendre.

Nesse sentido, em *Doctrina Pueril*, vemos que o filósofo valorizava a temperança como uma prática essencial para a purificação espiritual. Ele via o jejum como um meio pelo qual os homens buscavam esse equilíbrio entre corpo e alma, visando alcançar a santidade e a salvação: "Amável filho, os homens pobres não têm tão grande paixão para jejuarem quanto os homens ricos para comerem muito"⁶¹ (Llull, 1989, p.98, tradução nossa).

Colocamos que o pleno exercício da temperança era crucial para controlar todas as práticas diárias dos homens. Isso inclui a moderação no comer e no vestir, fundamentais para manter o corpo e o espírito saudáveis, livres de pecado e corrupção. A temperança age como guia, assegurando que essas ações essenciais sejam realizadas de maneira equilibrada, promovendo a saúde física e espiritual do indivíduo. Logo, para Llull, a temperança desempenha um papel fundamental na busca pela santidade e na preservação da condição de salvação.

Nesse contexto, as virtudes desempenham um papel fundamental na busca da glória e da santidade pelos seres humanos. A prática constante das virtudes era vista como um caminho que levava os indivíduos a um estado de santidade, tornando-os aptos a residir no Paraíso após a morte, onde a maior recompensa é a visão de Deus (Costa, 2010).

Portanto, era recomendável que os seres humanos cultivem o amor e a prática das virtudes em suas vidas, pois isso os levava em direção à salvação e à realização espiritual, proporcionando-lhes a oportunidade de experimentar a glória eterna e a presença divina no Paraíso, assim, atingindo o desenvolvimento do intelecto.

⁶¹ Estimat fill, els pobres no tenen tanta passió pel dejuni com els rics per menjar molt.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O século XIII é marcado pelo renascimento comercial e pela ascensão de um novo grupo social, os burgueses, originando o surgimento de certos sentimentos denominados de Sete Pecados Capitais que provocariam uma desorganização social. Desse modo, ao analisar a obra *Doctrina Pueril*, buscamos compreender a educação proposta por Llull para os homens de sua época.

Nesse sentido, refletimos que Llull procurou uma educação para a sociedade que viveu uma vez que deveria iniciar desde cedo, logo na infância, já que as crianças representariam a organização social futura, necessitando do desenvolvimento de virtudes e sentimentos que não prejudicasse o bem comum, baseado na fé vinculada à razão.

A Arte lulliana apresenta uma perspectiva religiosa universalista, que buscava por meio da educação guiar os seguidores do cristianismo e, por meio da conversão, unir todos aqueles além do Cristianismo, a quem Llull se refere como não-crentes, trazendo-os para a mesma fé cristã, que o pensador tenta de maneira racional, demonstrar a superioridade da verdade, característica da escolástica. Assim, toda a sociedade deveria se dirigir ao objetivo principal, rumo ao qual alcançariam a salvação.

O empreendimento educacional e catequético liderado pelo filósofo baseia-se em três elementos fundamentais: a aderência aos princípios do cristianismo, a prática diária das virtudes e a rejeição dos comportamentos negativos. A plena realização desses objetivos seria a exigência para uma coexistência harmoniosa entre os habitantes da Idade Média e essa convivência completa, levaria a humanidade à redenção.

Em suma, Llull, o pai de Domingos orienta-o a evitar envolver-se com as "obras mundanas", pois isso comprometeria o propósito para o qual ele foi criado. Ele enfatiza a importância de buscar ajuda divina e destaca que Deus criou virtudes como Fé, Caridade, Justiça, Prudência, Fortaleza e Temperança para auxiliar o homem a alcançar a salvação. Em contrapartida, os vícios, como Gula, Luxúria, Preguiça, Avariza, Soberba, Ira e Inveja, são considerados prejudiciais.

A proposta educacional de Llull possibilita compreender que a questão da educação é algo que perpassa todos os períodos históricos, entretanto, atende às imposições da época. Além do mais, a pesquisa nos proporciona entender que o passado é um instrumento necessário para efetuar reflexões acerca do presente. Em outras palavras, os ensinamentos de Llull destacam a importância de não limitarmos nossa compreensão do homem e sociedade ao passado ou presente. Em vez disso, enfatizam que questões fundamentais, como educação, sabedoria e pensamento coletivo com preceitos morais, são atemporais e continuam a influenciar as relações humanas ao longo da história.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ARISTÓTELES. **Da alma**. São Paulo: Nova Cultura, 2006.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais: a longa duração. **Revista de História**. São Paulo, v. 30, n. 62, abr/jun. 1965.

COSTA, Ricardo da. **A História de Ramon Llull (1232-1316)**. 2010. Disponível em: <<https://www.ricardocosta.com/historia-de-ramon-llull-1232-1316->>. Acesso em: 13 abr. 2022.

COSTA, Ricardo da. **A morte e as representações do além na doutrina para crianças (c.1275) de Raimundo Lúlio**. 2009. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/morte-e-representacoes-do-alem-na-doutrina-para-criancas-c1275-de-ramon-LULIO>>. Acesso em: 28 fev. 2022.

COSTA, Ricardo da. **Ensaio de História Medieval**. Rio de Janeiro: Sétimo Solo, 2009.

JAULENT, Esteve. Introdução. In: LÚLIO, Raimundo. **O Livro do Gentio e dos Três**

Sábios. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 248.

JAULENT, Esteve. Os problemas enfrentados por Lúlio em Paris: a cruzada e a luta contra o averroísmo. In: RAIMUNDO, Lúlio. **Escritos Antiaveroístas (1309-1311)**. Do nascimento do menino Jesus. Livro da lamentação da Filosofia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

FIDORA, Alexander. **Raimundo Lúlio** - educador das religiões. s.d. Trad. Elie Chaderiavam. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand15/fidora.htm>>. Acesso em: 2 out. 2022.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média**: nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GINARD BUJOSA, Antoni. **Ramon Llull**: viatger universal. Universitat de les Illes Balears. Maiorca, 2015.

HIGA, Carlos César. **Feudalismo**. Mundo Educação. 2022. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/feudalismo.htm>>. Acesso em 16 ago. 2022.

HUGO DE SÃO VITOR. **Didascálicon**: da arte de ler. Tradução: Antonio Marchioni. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Petrópolis: Vozes, 2016.

LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. Rio de Janeiro: José Olympic, 2006.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1984.

LEMOS, Tatyana. **Pregação e Cruzada: a conversão dos infiéis nos poemas de Ramon Llull (1232-1316)**. Vitória, 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós- Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal Espírito Santo, 2010.

LLULL, Ramon. **Doutrina para crianças (1274-1276)**. Tradução Ricardo da Costa. 2010. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/textos/ramon>>. Acesso em: 13 abr. 2022.

LLULL, Ramon. **Libre de alma racional**. In: Obres Originals de Ramon Llull (ed. S. Galmés e outros). Palma de Mallorca: 1950, vol. XXI, p. 161- 304.

LLULL, Ramon. **O Livro do Gentio e dos Três Sábios (1274-1276)**. Tradução e notas: Esteve Jaulent. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

LLULL, Ramon. **O Livro do Anticristo**. Tradução e notas: Esteve Jaulent. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MATEUS, Natasha Nickolly Alhadeff Sampaio. **Ensino de História Medieval**: A obra Doutrina para Crianças, de Ramon Llull e a produção do paradidático “Ramon Llull e a Idade Média”. 202f. Dissertação (Mestrado em História, Ensino e Narrativas), Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, São Luís – MA, 2018..

NUNES, Rui Afonso da Costa. **História da Educação na Idade Média**. São Paulo: Edusp, 1979.

OLIVEIRA, Terezinha. **Ensino e debate na Universidade Parisiense do Século XIII**: Tomás de Aquino e Boaventura de Bagnoregio. Maringá: Eduem, 2012.

OLIVEIRA, Terezinha. O ambiente citadino e universitário do século XIII: lócus de conflitos e de novos saberes. In: OLIVEIRA, Terezinha. (Org.). **Antiguidade e medieval**: olhares histórico-filosóficos da Educação. Maringá: EDUEM, 2005. p. 227-252.

OLIVEIRA, Terezinha. **A importância da leitura de escritos tomasianos para a formação docente**. Notandum, 2009.

OLIVEIRA, Terezinha; PIZOLI, Rita de Cássia. O conceito de contemplação na educação monástica medieval: reflexões sobre Bernardo de Claraval. **Mirabilia** [online], v. 16, n. 1 p. 65-78, 2013.

PLATÃO. **Fédon**. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991 - (Os pensadores)

VENTORIM, Elaine. **As ideias políticas e a apologética de Ramon Llull (1232-1316) sobre a cruzada na Terra Santa**. 2008. 145 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.